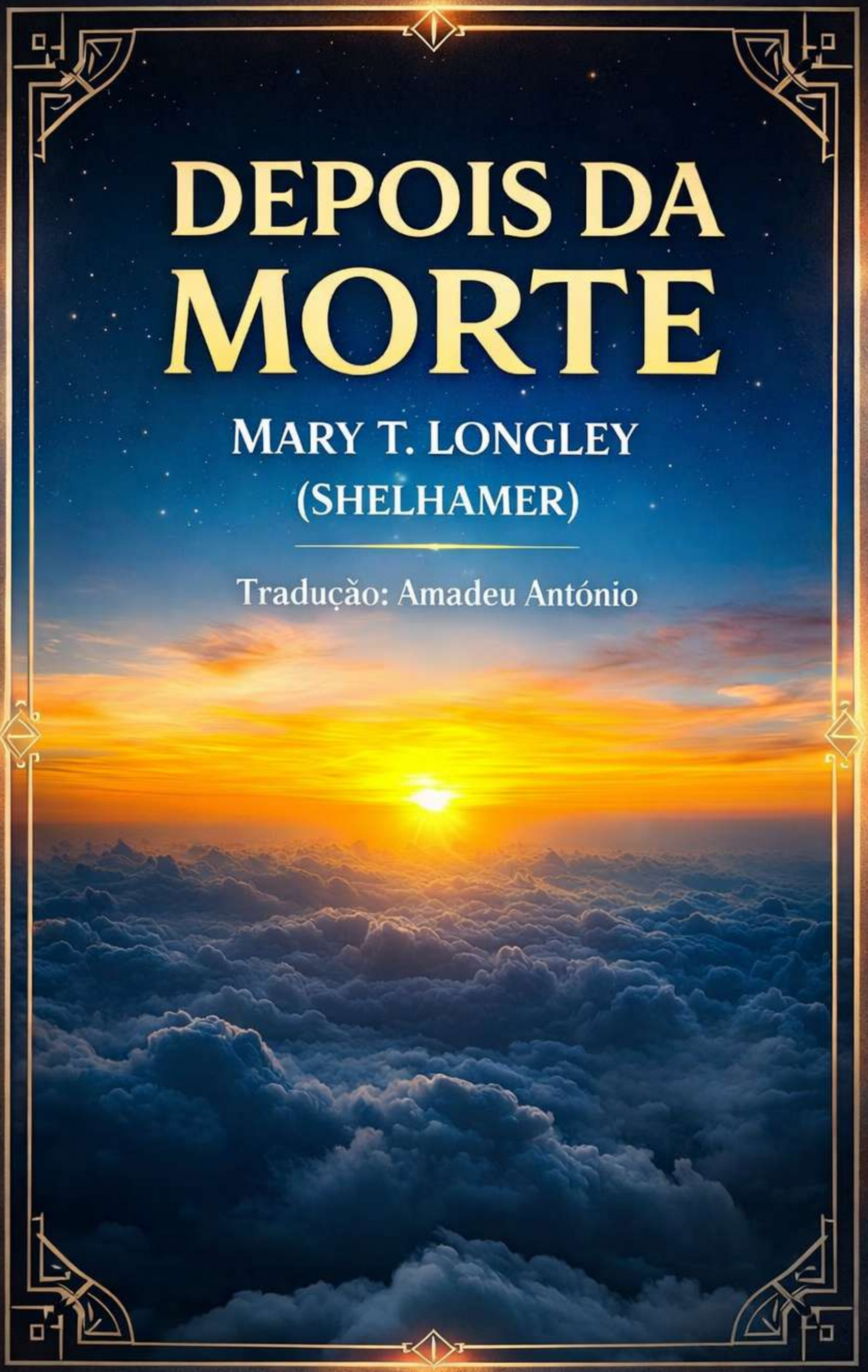
DEPOIS DA MORTE

MARY T. LONGLEY
(SHELHAMER)

Tradução: Amadeu António



(OPÚSCULO EDITADO PELA FILHA DE WILLIAM STEAD, E PUBLICADO COM OUTRO DO “CÍRCULO DE JULIA”)

Conforme ilustrado pela notável médium que foi a Sra. Mary Theresa Shelhamer Longley

A MORTE VISTA DE FORMA IMPRESSIONANTE

O DESPERTAR DO ESPÍRITO

A PARTIDA DE UM VELHO PARA A VIDA ESPIRITUAL

Era um velho, encurvado, envelhecido e pálido, cansado e marcado pelas batalhas travadas ao longo de mais de oitenta anos. A vida fora-lhe árdua; desde a infância que lhe coubera o destino de trabalhar, quase sem descanso, para suprir as necessidades básicas. Órfão desde tenra idade, sem ninguém que cuidasse dele, o pequeno desenrascara-se como podia, ganhando a vida a fazer recados, pequenos trabalhos, vendendo pedaços de ferro, garrafas velhas e tudo o que pudesse encontrar nos becos ou nas ruas e que rendesse um tostão, muitas vezes passando fome, frio e solidão.

Era notável que, apesar de todas estas duras provas na infância, o rapaz se mantivesse honesto; mas ele era sensível e, de algum modo, os bons anjos conseguiram manter-se muito perto dele, guiando-lhe a vida jovem. A companhia de rapazes rudes e profanos não lhe atraía, e o roubo não constituía tentação.

Assim passou a sua juventude e, com esforço e perseverança, conseguiu seguir em frente e obter muito conhecimento sobre a vida humana. Sabia ler e soletrar, pois a mãe lho ensinara antes de partir da Terra, e passara muitas horas a ler jornais velhos que encontrava nos montes de cinza e nos lixos, até ter dinheiro suficiente para comprar e vender jornais por conta própria; e assim, ao longo de vinte anos, esforçando-se, aprendendo pouco a pouco, sempre a trabalhar e a adquirir uma experiência dura, pois não havia para ele “estrada real para o conhecimento”, nem benfeitor abastado que tomasse a seu cargo as suas necessidades.

Na juventude adulta conseguiu aprender um ofício e sustentar-se com trabalho manual e, embora confinado às estreitas limitações da vida de fábrica, estava satisfeito. Com o tempo, o casamento e a humilde vida familiar passaram a fazer parte da sua experiência, mas os anos trouxeram tristeza e mais dificuldades, pois a sua querida esposa e três filhos amados partiram para o Grande Além, e ele, com poucos recursos, debilitado de

corpo, deprimido e infeliz, viveu a vida solitária e desamparada dos esquecidos — uma história simples, e apenas uma entre milhares que poderiam ser contadas da mesma forma.

Mas agora estava velho, e o fim chegara; sozinho e cansado, deitado no seu sótão sombrio, esquecido por vizinhos e amigos, chegara-lhe — A Grande Mudança.

Não sabia há quanto tempo jazia ali, coberto com o seu velho e gasto casaco; parecera-lhe uma eternidade. Por ser demasiado fraco para se levantar, sofrera em silêncio durante todo o longo dia e pela noite dentro, mas, de repente, pareceu-lhe que se erguia, erguendo-se sem esforço sobre uma nuvem violeta e ondulante, suave, repousante, convidativa ao descanso. Uma substância delicada, semelhante a neblina, envolvia-o, com a cor de mil flores delicadas e o perfume das violetas. Parecia absorver aquele vapor e, oh, como isso o reconfortava, acalmando-lhe cada nervo, enchendo-o com uma deliciosa sensação de paz e de languidez feliz.

Percebia vagamente uma mudança no velho quarto; até o monte de trapos que lhe servira de cama, os pedaços de mobília velha e até as paredes pareciam transfigurados, ganhando beleza na suave luz violeta que inundava e glorificava o lugar. Tinha disto uma consciência difusa, deitado em tranquila bem-aventurança, no esplendor daquela aurora espiritual. Durante algum tempo permaneceu assim — uma hora, ou seria um ano? — não sabia, mas sentia-se feliz, feliz com a nova sensação de absoluto repouso e paz.

Depois, a influência magnética que o envolvera pareceu dissipar-se, e ele estava desperto, vivo! Cada fibra e nervo do seu ser vibrava como com uma vida nova e maravilhosa! Só o facto de estar vivo — como esse pensamento o emocionava! Nenhuma sombra de solidão o rodeava agora; nenhuma ponta de tristeza; nenhum vestígio de dor, de idade, de cansaço; apenas um sentido de alegria pela vida!

Ainda não tinha notado qualquer presença viva, mas não sentia solidão. O velho quarto, os bens familiares e gastos, até a ideia das coisas materiais, tinham-se desvanecido da vista e da mente. Não via nada disso, não pensava no que fora.

Era simplesmente senhor da vida, e essa vida era ele próprio.

Então vieram sons de música — suave, doce, arrebatadora — harmonias que se espalhavam por todo o seu ser e dentro dele. Ele próprio era música! A vida era música, harmonia! Tudo era bom.

Depois, a consciência de estar erguido, imponente, um ser de poder, força e energia mental, vestido com roupas apropriadas; e, a seguir, a noção de companhia, pois ao seu lado, sorrindo-lhe, recebendo-o de braços abertos e carinhosos, estava um grupo de seres radiantes — almas felizes que reconheceu de imediato, intuitivamente, como sendo as suas. Primeiro, a mãe, que deixara o corpo terreno setenta anos antes; depois, a esposa querida, e os três seres resplandecentes que sabia serem os filhos que haviam amado e perdido — todos ali a recebê-lo, acariciando-o com ternura e cobrindo-o de boas-vindas — sem vestígio de tristeza neles, e sem sombra de mágoa no seu próprio coração.

Então surgiu a recordação — e ele próprio, o seu passado, o corpo envelhecido e debilitado? Sentiu um puxar, como se fosse por um cordão invisível, e cedendo a essa força, pareceu voltar-se quando, eis que, a seus pés, jazia o corpo velho, envolto num lençol branco, e homens prestes a levá-lo; mas aquele não era ele — era apenas a forma exterior. Nada ali o atraía, e nem sequer tentou segui-lo até à morada terrena dos mortos. Libertar-se daquela forma era um alívio bendito e, de novo, voltou-se para acompanhar a abençoada companhia que o guiava por agradáveis caminhos de luz até cenários mais elevados.

Mas que gloriosa sensação de exaltação naquele impulso motor, flutuando, subindo, sustentado por uma mola interna de atividade, sem conhecer medo, sem hesitação — simplesmente avançando, deixando para trás todo o pó e tumulto. Por fim, pararam, não por cansaço, pois o espírito não conhece fadiga, mas porque haviam entrado no que parecia ser um belo vale, de verdura intensa, árvores magníficas e riachos serenos, jardins floridos e parques convidativos, casas graciosas e construções brilhantes — uma verdadeira Arcádia de harmonia e paz.

E nesse lugar encantador, o espírito recém-chegado encontrou o seu lar — uma casa delicada e acolhedora, confortável e cheia de luz — construída por ele próprio, disseram-lhe, com a substância etérea e o poder das suas próprias vibrações harmónicas e emanações magnéticas, fruto de uma longa vida de sacrifício e trabalho que suportara pacientemente. Essa casa moldara-a ele literalmente, com a ajuda da esposa e dos filhos, em algumas das horas que passara com eles em espírito enquanto o pobre corpo mortal dormia, pois muitas vezes, como incontáveis mortais fazem, realizara voos noturnos a partir do corpo terreno durante o descanso, convivendo com os entes queridos do outro lado.

Assim vivera parcialmente com eles, partilhara dos seus estudos, participara nos seus interesses e ocupações, crescera espiritualmente com eles e, por estas experiências, conseguira manter um porte calmo e uma paciência

perseverante — sim, uma natureza espiritual — ao longo das longas e penosas vicissitudes de uma existência terrena limitada e laboriosa.

A ENTRADA DE UMA ESPOSA ABANDONADA NA VIDA SUPERIOR

Uma atmosfera quente e sufocante; um quarto desprovido de comodidades e de condições que proporcionassem conforto físico ou satisfação estética; alguns poucos móveis gastos e de grande simplicidade, uma cama baixa onde jazia o corpo emagrecido de uma mulher cuja vida na Terra fora dura, escrava do trabalho e da labuta; alguém que perdera a coragem saudável e a esperança na luta para garantir pão para si e para os filhos.

O mundo está cheio de tais casos; não é preciso recorrer à imaginação para conceber tal cenário. Abandonada pelo marido, desamparada e infeliz, numa grande cidade, com um filho na margem espiritual e dois ainda na Terra, estava agora nos últimos instantes da sua permanência no pálido corpo físico.

O médico do dispensário fizera a sua última visita e dissera às vizinhas prestativas, cuja simpatia as levara àquele quarto pobre para cuidar da moribunda, que nada mais havia a fazer e que, logo que a morte ocorresse, chamassem o coveiro municipal para tratar do corpo. As crianças, assustadas e em pranto, estavam ao cuidado dos responsáveis de um lar infantil, e o último ato de uma vida de sacrifício trágico estava prestes a terminar.

A pobre mulher sofrera até às profundezas; a sua maior amargura viera há poucos dias, quando o médico, com voz comovida, lhe dissera que as horas estavam contadas e que seria melhor enviar as crianças para o “Lar”, pois poderia conseguir-lhes vaga lá.

Ela sentiu-se grata, embora relutante em deixá-las ir, tão queridas lhe eram; mas sabia que estariam melhor numa instituição pública do que entregues à mercê da rua. Lutara bravamente por elas, trabalhara dia e noite para as manter longe da caridade pública e junto de si — três anos e cinco — tão pequenas para perderem o cuidado de uma mãe, mas tinha de ser, e ela sabia que era o melhor que lhes podia acontecer antes que o último fôlego deixasse o seu corpo ofegante.

O que é a morte? Quem poderia responder à sua simples pergunta? Estendendo-se para o desconhecido, estremeceu como quem é acometido por um arrepio súbito. Durante dias lutara. Não queria partir. Nada sabia do que havia para além. As suas duas crianças chamavam-na aqui. Queria ficar, e assim prosseguiu, em luta silenciosa, sem dar atenção às mulheres

no quarto que julgavam que ela já não tinha consciência da sua presença. Ah! mas ela sabia tudo o que se passava.

Com vibrações aceleradas, com um sentido aguçado, começava a compreender muitas coisas que antes lhe eram misteriosas. Lutando interiormente a grande batalha consigo própria, começou a ver com mais clareza porque fora tão dura a sua vida, porque lhe coubera a tristeza, porque a doença se apoderara do seu corpo, porque a morte viera reclamá-la agora.

Nas sombras que se iam reunindo e que suavemente caíam sobre o sentido mortal, começou a insinuar-se docemente uma tonalidade rosada, tão bela como a de uma madrugada de verão. Por entre o som baixo dos murmúrios das vozes das vizinhas, ondulavam cadências suaves de canto; a melodia parecia flutuar por toda a parte. Ela sempre amara música e nunca se sentira plenamente saciada dela. Órgãos de rua e instrumentos rudes, nas mãos de executantes indiferentes, tinham-lhe dado por vezes prazer, por vezes dor — mas ISTO — ISTO era música. ÊXTASE.

Assim passaram as horas da noite e, agora, era pouco antes do amanhecer de um dia quente de Agosto. Uma pequena brisa levantara-se há cerca de uma hora e entrara timidamente pela janela; as mulheres agradeciam o seu hálito viciado. Ela não notara a sua chegada; mas agora, para a sua alma, tudo era belo; para ela não havia paredes no quarto, nem visões sombrias à volta. Os olhos, semicerrados, começavam a fixar-se noutras coisas. A tonalidade rosada permanecia, a suave e brilhante névoa de uma manhã mais alta cercava-a; sentia-lhe o frescor penetrante e o perfume; o som da música estava-lhe nos ouvidos, a glória do Inevitável banhava-lhe todos os sentidos em luz.

A batalha estava vencida. Sentia interiormente que a alma triunfara, que a morte era, afinal, apenas a alma mudando a sua base de operações e a sua fonte de suprimento. Este era o seu conhecimento intuitivo. Nunca tivera instrução digna de nota, apenas alguns anos na infância, antes de os pais tomarem o Grande Caminho. As suas oportunidades educativas tinham sido das mais humildes. Não era raciocinadora nem sábia; apenas o Amor e a Intuição lhe diziam agora o que realmente era a morte.

A música continuava a soar à medida que os minutos passavam; agora, as vozes mais doces de seres humanos misturavam-se nas melodias; a luz gloriosa aprofundava-se numa beleza mais fina; nada havia assim em terra ou no mar. Sentia ainda, intensamente, a consciência dos assuntos mortais. Sabia que as mulheres aguardavam o fim; que os filhos não estavam a seu lado. O amor de mãe era forte. Ansiava interiormente por aqueles pequenos, mas não com amargura, antes com uma calma serenidade, um

apego doce e suave a eles no espírito, um desejo terno de estar sempre com eles, com carinho e bênção, como escudo e guia. E os momentos passavam. Conseguia pensar tão depressa; pensamentos de um dia comum cabiam agora em alguns instantes. E isto era a Morte!

O esplendor do sol nascente encontrava pouco reflexo naquele quarto de inquilinato, mas a glória da Aurora Eterna estava ali, e começava agora a brilhar no rosto da moribunda; até as vizinhas repararam e acenaram umas às outras, percebendo que o fim chegara.

Ela não lhes dava atenção, embora lhes fosse grata pela vigília bondosa, e, em todos os dias que viriam, procuraria ajudá-las e abençoá-las; mas agora, as paredes tinham desaparecido e tudo estava banhado na luz e no perfume rosados; ela percebia um cenário de transformação. Gradualmente, via outro compartimento, uma longa sala onde havia muitas caminhas, e parecia-lhe estar a flutuar até uma delas.

De repente, via que, sobre essa cama, estava a sua filha mais nova, a sua menina, a dormir. Como se inclinava sobre ela; agora embalava-a com uma canção de embalar e sorria, e a bebé abria os olhos, olhava para cima e estendia os braços para a mãe. Sentia-se atraída para a caminha seguinte; sim, lá estava também Sadie, a pequena cuidadora da bebé Sue. Sobre ela inclinava-se e sussurrava palavras de amor, e Sadie sorria no sono.

A mãe contemplava longamente o tesouro do seu coração; e, todo o tempo, a música e o canto celestial prosseguiam; todo o tempo, a tonalidade rosada pulsava e vibrava à sua volta, e ela estava imersa em perfume. E isto era a Morte!

Já não tinha consciência do quarto estreito, nem dos serviços das vizinhas; não prestava atenção à chegada do coveiro nem ao seu trabalho. Estava agora com as filhas; via-as acordar e sabia quando estavam vestidas. Ficava junto delas durante o dia; estavam agora num banho, depois à mesa com comida boa mas simples, mais tarde em pequenas secretárias onde o estudo parecia brincadeira, e lembrava-se vagamente do que ouvira sobre as escolas infantis.

Pouco depois, estavam num pátio sombreado, a brincar felizes. Sadie tomava conta da irmãzinha, e a bebé dissera-lhe, com a língua ainda de criança, que a mamã viera de manhã. Não choraram pela mãe nesse dia e as cuidadoras estavam aliviadas, mas a influência do amor materno permanecia com elas e era sentida pelas suas almas maleáveis, e era por isso que não choravam.

Ela estava no reino da beleza da cor, luz, perfume, música e amor; não sentira necessidade, nem fome, nem sede, nem cansaço; era feliz por estar onde estavam os seus tesouros. E isto era a Morte!

Permanecia com elas; os dias passavam — não havia cansaço para ela. Soube que as filhas eram cuidadas melhor do que ela própria poderia tê-las cuidado nos tempos antigos. Ouviu que as crianças daquele lar eram mantidas até atingirem as idades de dez e doze anos e que lhes encontravam bons lares em famílias particulares, onde tinham garantidos os benefícios escolares e de formação prática; esperava que as suas queridas encontrassem um lar juntas, mas não se afligia com isso agora, pois sentia intuitivamente que poderia cuidar delas, que poderia segui-las para onde quer que fossem, que poderia ser uma força de luz, ternura e amor entre elas, mesmo que fossem separadas neste plano mortal.

Assim correram os dias. O corpo terrestre fora entregue ao pó do “Cemitério dos Indigentes”. Não soubera nem se importara. Os poucos haveres tinham sido tomados pelo senhorio como pagamento de renda. Não tinha preocupação com isso; estava com as suas queridas, onde a sua alma ansiara estar. Agora sabia que tudo estava bem, e, satisfeita por não poder perder as suas, o pensamento começou a vagar para outras coisas. De algum modo sabia que a “Morte” a reclamara, mas não havia nada nessa experiência que lhe causasse dor ou medo. Até agora, tudo fora belo, mas o que haveria mais além?

Começava agora a interrogar-se, a querer saber; e a luz à sua volta transformava-se numa tonalidade perolada delicada e brilhante; estava a flutuar para longe, mas não se assustava, pois via um fino cordão dourado duplo — alongando-se à medida que deslizava, mas nunca se quebrando, fios que a ligavam às suas meninas e que sentia que a trariam de volta a elas. Assim prosseguia, e a luz perolada tornava-se mais bela; a sua visão ajustava-se às vibrações e percebia que tinha companhia, uma bela mulher de meia-idade, um homem que parecia a personificação da força e da formosura viril, e um belo rapaz de cerca de dez anos. Eram anjos resplandecentes, e ela não os questionava.

Aparentemente, estavam a guiar-lhe o caminho e a sua única vontade era deixar-se guiar. Pouco depois, estavam no que parecia ser um bosque, mas as árvores não estavam densamente dispostas. Havia habitações aqui e ali, e extensões de flores magníficas. Era um mundo como nunca vira, demasiado belo para ser descrito. A atmosfera era suave mas radiante; a luz delicada mas de tom glorioso, a música encantadora, cada cadência parecendo ecoar — “LAR”.

Entrou numa das moradias alvas. Era mobilada com simplicidade, mas com o que, para ela, era elegância — perfume, luz, cor e requinte por toda a parte.

Sentia que chegara à sua própria herança. Sabia que era ignorante de muitas coisas; que havia muito a aprender, que devia estudar, abrir-se, crescer; sentia isto, mas também sentia que era capaz de crescer e estudar. Agora, era agitada por uma força ascendente que a fazia voltar-se com olhar mais atento para aqueles que a tinham conduzido ali; olhando-os com a perceção da sua própria Alma, reconheceu-lhes a identidade — a bela mulher era a sua própria mãe santificada; o homem era o pai que nunca conhecera a negar-lhe os desejos infantis nos dias distantes, e aquele belo rapaz — oh! quem ERA ELE? Voltou a fitá-lo e então soube — soube sem sombra de dúvida — o seu brilhante e amado menino, o primogénito que morrera ainda na infância da vida mortal.

Ali, então, estava o lar, o amor, a vida imortal, o seu próprio povo! E isto era a Morte!

A Morte Patética de uma Menina

Um beco citadino; prédios degradados apinhados de seres humanos, grandes e pequenos; sinais de miséria e pobreza por todo o lado — o pecado e o crime não são desconhecidos naquela viela sombria, um lugar pobre para criar crianças, e no entanto abundam naquela localidade. Pequenos grãos de humanidade tropeçam nos degraus e uns nos outros; esfarrapados e sujos, pouco mostram da alma imortal que habita nas suas formas empoeiradas.

Num quarto dos fundos de um dos edifícios sujos, uma menina está a morrer; os arredores não têm atrativo, todas as condições são imundas e sombrias. A criança arde em febre e agita-se de um lado para o outro sem alívio. Toda a sua pequena vida conheceu apenas a carência e as condições de extrema pobreza; muitas vezes o abandono extremo; e ainda assim cantou, dançou e brincou nas ruas, sem conhecer a diferença entre a felicidade e a miséria. Mas está a morrer; o pai anda por aí com outros companheiros bêbados; a mãe, uma criatura inchada e miserável, vigia a criança num espanto meio atordoado e estúpido.

A pequena não se apercebe do que a rodeia; uma bruma suave — invisível aos olhos mortais — envolve-a; nas suas frescas malhas começa finalmente a acalmar-se; a febre começa a perder o domínio sobre o seu corpo; um sentido de algo doce, de algo tão repousante apodera-se dela. É tão fresco, tão fresco; não frio, como a geada de inverno, nem gelado, como a humidade e a penumbra, mas fresco e belo, e todos os pulsos febris vão-se

tornando imóveis. A morte está no ar; a criança está enredada na sua atmosfera deliciosa, cativada pelo seu poder encantador. Tem apenas seis anos, mas já viveu muito em experiência nesses seis anos; aprendeu muito das durezas e das condições da vida; em casa e na rua essas coisas chegaram-lhe, coisas que nenhuma criança deveria conhecer, mas agora está a afastar-se delas; já não fazem parte da atmosfera espiritual que lentamente a envolve.

Das brumas, surgem formas brancas. Rostos ternos sorriem para a pequena; seres belos estendem-lhe as mãos num gesto de chamamento; há crianças entre eles e ela sorri-lhes de volta. A mãe desalinhada não vê essas formas, nem a bela névoa lhe é aparente, mas repara no sorriso nos lábios da filha e fica maravilhada.

A pequena não presta atenção às coisas exteriores; contempla agora outras cenas; uma terra de beleza abre-se à sua consciência. Sente-se erguida por braços fortes e apertada contra um peito resplandecente. Está nos braços de uma doce mulher e é levada para longe, muito longe, seguida por aqueles outros seres luminosos que vieram na névoa brilhante. Enquanto viaja para fora, para uma luz cada vez mais clara e doce, ainda ternamente envolta nesse abraço maternal, a criança perde a consciência do que a rodeia e, neste sono magnético, é transportada para um belo pavilhão num jardim de delícias e colocada sobre um leito de flores brancas e perfumadas.

O tempo passa, a pequena forma terrena é levada para fora de vista; a mãe, durante um dia, lamenta a morte da filha, depois volta a enterrar-se nos seus próprios assuntos sórdidos, e em breve a lembrança daquela pequena vida desaparece da sua mente, pois Maggie tinha sido um bebé indesejado e a mulher fizera de tudo para impedir o seu nascimento, e agora que o fardo se retirara, sentia pouca tristeza e nenhum arrependimento.

Mas o que é a Morte? Onde está a criança da miséria e da ignorância? Não nas baixas vibrações e na atmosfera turva do lar parental; não no meio do crime e do pecado de uma cidade poluída; não no pó e nas lágrimas. Uma força mais alta e grandiosa que a mortalidade varreu-a dali e levou-a para outras cenas e outras vibrações, onde será vivificada por atividades mais finas, uma consciência mais pura e rodeada de condições mais belas.

Durante aquele sono magnético no caramanchão de rosas, Maggie mudou de vibração e perdeu a ligação infantil entre a antiga vida terrena e o seu ser espiritual. A mãe, que não a acolhera, fora mãe apenas do corpo físico; não tinha qualquer direito sobre o espírito desta alma ascendente; no entanto, mais tarde, quando Maggie tiver adquirido poder e conhecimento,

será atraída para a presença desta mulher que outrora chamou mãe e, pela sua inteligência e magnetismo espirituais, será instrumento para despertar nessa mulher a força anímica latente e conduzi-la a uma consciência e expressão espirituais e progressivas.

Com o tempo, Maggie desperta entre as flores. Está feliz e livre de sofrimento. Tudo à sua volta é belo. Uma doce senhora inclina-se sobre ela, crianças bem vestidas e de rostos alegres estão ao seu lado. Sente-se forte e perfeitamente bem. Não pensa na vida antiga. Levanta-se, e enquanto a doce senhora faz passes sobre o seu corpo, a substância enevoada que a envolvia transforma-se numa leve e bela túnica.

Está assim vestida de luz, e os seus próprios traços resplandecem de beleza. A sua acompanhante segura uma taça de cristal contendo uma substância espumosa envolta num líquido âmbar; esta doçura é-lhe dada e todo o sentido de fome desaparece. Agora as crianças chamam a nova vinda e ela junta-se a elas numa brincadeira feliz.

Passado algum tempo, é hora das lições, e Maggie ocupa o seu lugar com os outros. A boa senhora é professora, matrona e cuidadora, e as lições são simples e cheias de interesse, muito semelhantes a brincadeiras.

Há ali um lar de paz e harmonia, bem organizado e de excelentes condições; as crianças habitam-no, e a boa senhora cuida delas. Fora, na Terra, uma alma terna, maternal e sensível, apaixonada por crianças, mas a quem as alegrias da maternidade tinham sido negadas. Desvanecera-se da Terra com muitas tristezas e gravitou para este doce lar entre almas afins, onde encontrou a sua vocação: cuidar dos órfãos que conseguia resgatar da pobreza e da escuridão, levando-os para o seu lar de amor, luz e paz.

OUTRA CENA

Uma enfermaria num hospital infantil — a ala gratuita onde pequenos sofredores pobres recebem cuidados e tratamento à custa do erário público. Ali estão crianças mutiladas e aleijadas, uma vintena de incuráveis cujos pequenos corpos são muitas vezes sacudidos pela dor, e ainda assim estão alegres e suportam o sofrimento com fortaleza e coragem que muitos adultos poderiam bem imitar.

As enfermeiras, passando de um leito para outro, têm um toque amável e uma palavra gentil. São agradáveis de ver na sua simples farda de vestido listado em ganga e punhos, colarinho e avental brancos como a neve; tudo é limpo e arrumado ali, mas o sofrimento é abundante e muitos pequenos

corações são também solitários e desamparados. Chegam as horas em que o biombo é colocado primeiro à volta de um pequeno leito, depois de outro.

O Anjo da Morte chegou. Pequenos espíritos são libertos dos seus corpos atormentados pela dor. Espíritos ministrantes estão lá para tomar conta deles e conduzi-los a lares felizes no Alto. Não há escuridão na luz rosada que os envolve, não há frio de doença no ar suave e doce do Céu, não há gritos de dor, nem soluços até adormecer — tudo é beleza, conforto e alegria.

Todos os que partem deste e de lugares semelhantes não vão para o mesmo sítio. Sanatórios, escolas-lar, abrigos onde o amor e a proteção abundam existem em grande número no vasto universo espiritual, para todos os que chegam, e cada um é cuidado de acordo com as suas necessidades e temperamento. A lei da vida é a lei da Natureza, e a saída do mortal dá-se sob a ação desta vasta lei benéfica e puramente natural.

Mas voltemos a atenção para o fim da vida mortal de um destes pequenos sofredores; um ardina de apenas dez anos, e já um combatente com o mundo pelo pão de cada dia. Jimmie era valente e alegre, mesmo depois de lhe amputarem os pés e ele saber que teria de passar a vida a caminhar apenas com tocos. O acidente que o mutilou feriu outros também, e na sua simpatia infantil perguntava frequentemente pelo destino deles. Um rapaz vivo e cheio de graça.

Jimmie não perdera tudo isso ao sair da ruína e da miséria, mas mesmo agora o brilho permanecia no seu rosto e as suas palavras eram de ânimo; contudo, estava a morrer; a vitalidade não fora suficiente para o sustentar na provação, e ele sabia-o, como disse à enfermeira: “Acho que estou a ir para algum lado; não sei para onde, mas se lá tiver pés e mãos sei que me vou safar.” No silêncio da meia-noite, partiu, consciente apenas de uma sensação de repouso por todo o seu pequeno corpo; e quando a enfermeira se inclinou para captar o seu sussurro, as palavras, em tom débil mas alegre — “Já tenho os meus pés” — chegaram-lhe aos ouvidos.

Nesse momento, Jimmie partira. Observemo-lo enquanto se afasta da vista; observemo-lo com visão espiritual e não com olhos de carne; sim, ali está ele, e não está sozinho. Seres felizes estão com ele; estão a levá-lo para casa; mas ele tem pés e usa-os alegremente enquanto se move pelo espaço, tão naturalmente como um rapaz nada num lago.

Tudo é brilhante e agradável no seu caminho; de imediato sente-se à vontade com o médico que está ao seu lado — um dos muitos espíritos benevolentes na vida superior, que passam o tempo a fazer o bem, e

pertencentes àqueles que são naturalmente atraídos pelos hospitais e outras instituições da Terra onde reinam a doença e a dor.

Jimmie, sentindo-se totalmente à vontade com este homem, percebeu mais do que ouviu a pergunta: “Como te sentes?” e respondeu no velho espírito e gíria de rapaz: “À grande.”

“Tens fome?”

“Não.”

“O que é que mais gostarias de fazer?”

“Um bom mergulho.”

“Terás um,” e num instante o rapaz estava no centro de um belo e resplandecente lago; a água era quente e suave; deu-lhe um delicioso arrepio, e à medida que se movia nas suas ondas límpidas parecia-lhe que ela penetrava por todo o seu corpo; levou alguma às mãos; era doce, como se misturada com uma substância açucarada. Tudo aquilo lhe era tão estranho e, ao mesmo tempo, tão agradável e sedutor.

O seu condutor não tinha entrado na água com ele, mas parecia flutuar logo acima das margens e, por fim, desceu, apanhou o rapaz nos braços e colocou-o sobre a relva. Obe-decendo a um instinto, Jimmie sacudiu-se como um spaniel ao sair de um lago, e ficou surpreendido ao descobrir que toda a humidade tinha desaparecido dos seus membros e da sua roupa, e agora reparava que as suas vestes eram finas e bem talhadas, mais bonitas do que qualquer outra que tivesse possuído, e que as suas mãos eram diferentes dos pequenos membros ásperos que antes tivera.

Erguendo o olhar para o seu guia, disse num tom descontraído: “Acho que estou morto?”

“Sim, meu rapaz, é assim que os da Terra te chamam, mas estás bem; uma nova vida está diante de ti e estás agora a caminho do teu novo lar; já cá estamos.

Que te parece?”

À entrada do que parecia ser um pequeno templo de uma substância de brancura puríssima, que brilhava sob uma luz suave, detiveram-se, e das suas portas irromperam talvez uma dúzia de crianças, de rostos felizes e passos saltitantes. Atrás delas, estava uma mulher cujo rosto doce e expressão amorosa despertaram em Jimmie um desejo modesto, tímido e sensível, algo muito estranho ao seu pequeno coração independente.

À medida que as crianças se reuniam em volta dele, o guia apresentou-o a cada uma como um irmão que vinha viver com eles e partilhar os seus estudos e jogos, e então a bela senhora avançou e apertou-o nos braços, chamando-o seu próprio menino, criança perdida sem bússola nem guia, mas agora em casa, entre condições de amor, harmonia e paz, onde as qualidades mais ricas do seu ser seriam cultivadas até à força e florescimento, e onde as condições mais grosseiras da natureza humana, pertencentes ao plano animal, seriam suprimidas por falta de alimento e sustentação. Para ele, a Morte tinha sido uma libertadora, a bênção e a benfeitora, a abertura para um ciclo infinito de progresso, infinitamente belo.

Para o espírito humano, não é nada que se deva temer. Para a alma cansada da Terra, é um ganho infinito. Não que todos os que a enfrentam sejam de imediato conduzidos a jardins de delícias ou a templos de beleza e lares de luz.

Muitos há que, pela sua vontade de viver entre as vibrações do pecado ou do egoísmo, se encontram submersos em vagas de trevas que emanaram das suas próprias vidas impuras.

OUTRA CENA

Um belo quarto num lar de requinte e abundância; uma criança moribunda num leito coberto de linho e rendas imaculadas; uma menina bonita, talvez de oito anos. Neste lar existe tudo o que o coração poderia desejar; mentes cultivadas, naturezas delicadas, corações ternos, pais amorosos, harmonia, paz e prosperidade. Uma filha única, idolatrada, está a morrer, e os corações dos pais estão despedaçados pela dor. Um silêncio profundo paira no quarto até que a criança, despertando do que parecia ser um sono, fala.

“Mamã, querida, eu não estava a dormir. Sabia que tu e o papá estavam aqui, mas vi um lugar tão bonito; mais belo do que qualquer outro de que me tenhas lido ou que disseste que iríamos visitar quando eu crescesse. Não consigo descrever, mamã, mas não é como o céu de que tu lês; é mais bonito, porque tem árvores e flores, e, oh! edifícios tão grandiosos! Vou para lá, mamã. Não chores. Lá nunca estarei doente; ninguém está. Vi a avó, e ela disse que vou viver com ela. Está tudo bem, mamã, querida.”

Não vamos deter-nos na cena da morte, nem na dor dos pais enlutados, sobretudo na da mãe cuja natureza sensível se tinha entrelaçado com a vida da filha. Estamos a olhar para além do véu e a ver como a vida decorre para aquela que ascendeu. Novamente vemos beleza indescritível, luz inefável; lares de paz onde tudo é doçura e amor. A menina está num desses lares. Durante o dia terrestre, é atraída de volta ao lar paterno,

permanecendo na atmosfera da mãe, o seu espírito inocente banhando-a com raios de amor. A criança ali está porque a sua natureza sensível é atraída pela poderosa força do espírito materno, e é esse o íman que a chama à Terra. Com o tempo, quando a vida da mãe se ajustar às condições espirituais que a mudança trouxe e se tornar mais reconciliada, a criança já não passará tanto tempo no lar terrestre; mas, por agora, a sua missão benéfica é ser um anjo ministrante ali, e é feliz.

Mas à noite, quando a mãe dorme, ela desprende-se do contacto com o corpo, ligada a ele apenas por um cordão magnético leve e elástico, e entra nos domínios do espírito. Nos seus sonhos, vê a filha, aperta-a contra o peito, acompanha-a ao país espiritual, visita o lar belo de lá, entra nas escolas e nas salas de música onde a sua querida será instruída e desenvolvida, percebe que ela está segura, feliz e pura, e depois regressa por fim ao corpo pálido, retemperada, serena e feliz, até abrir os olhos para a cadeira vazia e ver os sinais da ausência da forma amada.

Mas esta mãe está a crescer espiritualmente. Sabe que nos seus sonhos está com aqueles que ama, e pouco a pouco um sentimento de paz vai penetrando no seu ser.

Com o tempo, tornar-se-á clarividente e verá a filha e outros espíritos com a visão interior; então usará os seus talentos e poderes em boas obras; de uma forma ou de outra fará muito pela humanidade; será boa para as crianças pobres e necessitadas que encontrar e, por fim, adotará uma pequena órfã e criá-la-á até à idade adulta útil e inteligente, por causa da preciosa filha que cedo partiu para a vida celeste.

Tal é a Morte; um poder benéfico, mesmo na dor que provoca, um poder para embelezar os corações humanos, impeli-los a feitos mais nobres e torná-los bênção para o mundo, em memória e tributo aos entes queridos que levou.

A MORTE DE ALGUÉM QUE QUIS ESPALHAR ALEGRIA E LUZ

O quarto de um estudante — não muito inspirador; sem ornamentos sumptuosos; sem sinais de luxo — apenas um ambiente simples, despojado e muito humilde, com apenas o necessário. O ocupante do quarto é um jovem, de aparência igualmente simples e modesta; as suas mãos mostram sinais de trabalho diário; o seu vestuário está gasto até à transparência; o seu rosto é magro e revela sinais de sofrimento. É de noite e o quarto está

tenuemente iluminado pela lamparina de óleo sobre a mesa onde ele se senta com os seus livros. É um filho do povo, trabalhador de oficina pelo pão de cada dia, mas com uma sede de conhecimento que nada consegue saciar. A sua família é pobre como ele, e os seus amigos são da modesta classe de trabalhadores que pagam caro por tudo o que ganham. Noite após noite tem-se sentado assim, a estudar os livros que obteve da biblioteca municipal, encontrando prazer na informação que eles lhe transmitem.

Mas a sua saúde é frágil e a lâmpada da vida aproxima-se do fim, embora ele não o saiba. Por fim, quando chega a hora da meia-noite, fecha o livro e prepara-se, cansado, para se deitar; mas não adormece logo; muitos pensamentos agitam o seu cérebro; é um bom cérebro e irá refletir sobre o que os livros disseram; fará perguntas e formulará ideias, e o seu desejo de se expandir, de evoluir originalidade e emitir poder é insaciável.

Assim, medita e meio sonha durante uma hora ou mais antes de o sono chegar ao corpo exausto; então, em espírito, está longe, entre trabalhadores mentais, pensadores, inventores, luminares intelectuais, mestres da mente, bebendo o refresco da alma na sua atmosfera, ganhando novo impulso para os seus próprios cálculos e treino mental através da sua influência.

As suas vibrações, agora que está ausente do corpo mortal, estão tão aceleradas que consegue ligar-se às desses professores espirituais o suficiente para estar em harmonia com eles e os seus ideais — sente-se em casa entre os seus iguais; eles conhecem-no e ele está familiarizado com eles e com os seus métodos de trabalho.

No entanto, pouco depois, o corpo faz exigências; o hábito tornou-o seu senhor! As necessidades da vida exterior tornam imperativo que se levante cedo para se preparar para o trabalho na oficina, que ele não gosta, mas que tem de fazer, e que executa com coração alegre e mão disposta, apesar da escassa recompensa. Assim, as vibrações do corpo estão ativas; puxam pelo cordão magnético que liga o espírito à forma mortal.

Ele deve responder, pois os estudantes e professores “Do Outro Lado” dizem-lhe que ainda não está pronto para permanecer com eles permanentemente; a sua própria alma também o sabe e até elege regressar às condições estreitas e humildes do estado terreno para mais disciplina ou trabalho, e assim regressa à consciência exterior do labor frugal e da aspiração não recompensada.

É lamentável que ele não possa trazer de volta ao corpo alguma impressão do que fez e viu na outra margem. Que não possa registar no cérebro mortal a memória das coisas espirituais que discerniu e experienciou. Que a

consciência dessas outras cenas seja suprimida porque o choque do regresso ao corpo alterou tanto as vibrações que o desligou por completo, por um tempo, não só das associações dessa outra vida, mas também de qualquer lembrança a seu respeito.

Certamente, pareceria que a memória das glórias que testemunhou, dos estudos em que participou e do conhecimento que adquiriu seria uma bênção inestimável para os seus pensamentos desperto no plano inferior; mas, por outro lado, poderiam ter efeitos desagradáveis, tornando-o infeliz, impaciente e completamente insatisfeito na vida exterior com tudo o que a "Natureza", o "Destino" ou a "Evolução" lhe tinham criado aqui.

No entanto, pode ser que a lei da Vibração seja o travão que o impede de registar as emoções, memórias de associações, cenas e incidentes que foram seus nos períodos de ausência da alma do corpo, e apenas pequenos relâmpagos de algo que "sonhou", fragmentos de pensamento ou de experiência, lhe surgem de vez em quando na mente e o perseguem durante o dia.

Dias, semanas, meses passam; o homem está a desenvolver poder mental; os seus estudos abrem-lhe um reservatório maravilhoso de informação; a vida vibra para ele com inteligência; a sua influência é benéfica para os que o rodeiam; está a fazer-lhes bem; eles apreciam a sua simpatia e ajuda. Mas as condições não melhoram para ele. Não consegue encontrar emprego melhor.

A labuta diária e o estudo noturno estão a afetar o cérebro e o sistema nervoso sensível. O corpo enfraquece visivelmente com a pressão. Outra noite chega. Voltamos a vê-lo no seu humilde quarto, a estudar com os seus livros. Pouco a pouco, a força esvai-se, a cabeça cai sobre a página aberta. Tudo lhe fica enevoado. Não tem forças para se erguer. Sente-se a deixar ir — não exatamente a adormecer, mas a soltar o apego às coisas à sua volta.

De repente, sabe que está a elevar-se, e recupera a visão, pois vê outro "eu" numa cadeira abaixo dele. Está curvado, com a cabeça pousada no livro aberto. Agora vê que um cordão fino o manteve ligado a essa outra forma, mas está a vibrar rapidamente na sua direção e a soltar-se do corpo prostrado. Observa-o com interesse, até que o fio parece tornar-se mais luminoso e acaba por ser absorvido por si próprio.

Esse outro corpo não é ele; tem consciência disso e afasta-se sem hesitar. Sente-se tão leve, tão solto, tão livre. Que maravilha é, que bom respirar assim. Há muitos anos que não se sentia tão bem. Parece-lhe um feriado, e pergunta a si mesmo o que será melhor fazer. Agora chegam-lhe tantas

memórias — pensamentos do passado, da infância, lembranças de há muito tempo, recordações dos pais que morreram quando ele era jovem; de velhos amigos deles, e dos seus conhecidos e amigos mais recentes; lembranças de muitas coisas que fez e disse, e de algumas que deixou por fazer e que agora lamenta; e, enquanto tudo isto lhe atravessa a mente, é como um espelho que lhe é colocado à frente para que se veja; parte é agradável — não toda — e gostaria de se afastar da contemplação dos erros, até que lhe ocorre que só com atenção e estudo dos nossos erros é que podemos crescer em sabedoria.

Então dispõe-se à autoanálise e a examinar os seus atos e motivos passados; sente que não precisa de se apressar, pois tem tanto tempo; nunca teve tanto antes — tanto tempo para estudar esta coisa maravilhosa e, no fundo, curiosa — o EU.

Tudo à sua volta é agradável; o ar é tão límpido, mas o sentido da vida é tão intenso — não há esforço nenhum para respirar. Não sente falta de nada — nem fome, nem sede, nem qualquer outra necessidade, a não ser estudar-se por um tempo. Ainda não entrou na alta taxa de vibração a que estava habituado ao adormecer, e mantém um apego firme às vias de sensação e memória que afetaram o corpo ao longo de todos os seus anos mortais. Assim continua o seu exame, e, tanto quanto sabe, está sozinho, e estas meditações podem ter durado horas, até que finalmente ergue a cabeça num gesto altivo e diz:

“Tudo o que fiz e que não esteve certo, tudo o que deixei de fazer e que deveria ter feito, procurei não prejudicar os meus semelhantes. Quis espalhar alegria e luz, pois, se não podia dar muita ajuda financeira aos necessitados, quis torná-los mais felizes. Não fui perfeito, longe disso, mas tentei superar as minhas fraquezas. Ansiei pelo conhecimento, e a minha oração foi pela luz. Tenho de aceitar-me agora como sou, mas esforçar-me por crescer melhor a cada dia e ser de mais utilidade para o mundo.”

Com esta conclusão, vira-se, e, ao fazê-lo, uma torrente de luz irrompe sobre ele. Um som arrebatador de música enche-lhe os ouvidos. Está elevado acima da vida antiga e das suas vibrações. O mundo, para ele, está iluminado — ou melhor, ele está noutro mundo. Tudo lhe parece familiar. Os arredores não lhe são estranhos. Vê homens, mulheres e jovens que sorriem e passam junto a ele.

Conhecem-no, e ele reconhece-os. Aqui está uma mulher bela, que, em espírito, viu muitas vezes. É a sua mãe. Ali está um homem que fora cientista e que o é ainda; outro que fora professor universitário na Terra e que agora é professor novamente; e assim por diante; inúmeros amigos reúnem-se à sua volta e dão-lhe as boas-vindas, e ele compreende que

finalmente chegou à sua herança e ao seu povo. Pouco depois descobre que o seu corpo terrestre fora encontrado no quarto, e que fora declarado "Morto por falha cardíaca, causada por excesso de trabalho e alimentação insuficiente." Mas isso não lhe trouxe tristeza. Não estava morto, mas intensamente vivo em todas as partes do seu ser, e pronto para trabalhar, para experienciar, para explorar, estudar, experimentar e, se necessário, sacrificar-se pela obtenção do conhecimento.

Mas o seu sacrifício já tinha sido feito; na vida e experiência terrenas, a alma suportara aquilo que espiritualmente lhe abrira o reino da verdade e do conhecimento, que nunca mais se fecharia para ele. Depressa descobriu que a sua inclinação mental, estudo e treino, iniciados no humilde quarto do seu corpo terrestre, o tinham preparado para a convivência com almas instruídas, de quem poderia colher força para alcançar outras mentes na Terra dotadas de faculdades inventivas e estimulá-las à ação em benefício dos seus semelhantes.

O tempo passa. O nosso amigo, que fora o trabalhador diário e estudante noturno de outros tempos, continua estudante e buscador da verdade; mas alcançou muito mais conhecimento do que tinha então, mais sabedoria, um desenvolvimento mental e espiritual mais grandioso. E por que não teria, já que teve à sua disposição todas as expressões e saberes acumulados das idades para a sua orientação e treino?

Um trabalhador no espiritual, mas sem descuidar das necessidades humanas na Terra; ser influente há muito, procurou outro estudante na Terra cuja inclinação e orientação mental eram como as suas, mas para este último as condições mortais eram mais favoráveis ao florescimento das suas capacidades mentais e físicas. Este novo estudante é um experimentador; é um investigador da força elétrica e da sua aplicação às necessidades humanas. Inventou dispositivos de utilidade e conforto e está empenhado em trabalhos maiores.

O homem espiritual não realiza o trabalho pelo seu protegido mortal, mas estimula-lhe a força mental, acelera as vibrações do cérebro com a sua influência subtil e, assim, ajuda a iluminar-lhe a mente sobre esses assuntos e questões importantes para ele e para o mundo.

Com o tempo, este mortal inventará instrumentos e aparelhos maravilhosos para o conforto e a saúde humanos, que serão considerados as maravilhas da época e farão as pessoas suspirar novamente em espanto e perguntar:

"O que virá a seguir?"

O que é a Morte? Trouxe algo que não fosse bom para o estudante sincero, o homem solitário e doente no seu sótão? Não foi, para ele, uma libertadora

da escravidão, uma reveladora da luz e da verdade? Não lhe abriu vastos campos de estudo, de sabedoria e de poder, e não estará ele amplamente recompensado por toda a experiência passada pelo enriquecimento do seu ser e pela oportunidade de ajudar este trabalhador moderno nas suas investigações e descobertas para benefício da humanidade?

Nas grandes escolas de instrução e experimentação espirituais, as mentes são treinadas — não sobrecarregadas; são estimuladas à expansão das suas qualidades inerentes, conduzidas sabiamente ao desabrochar das faculdades intuitivas que respondem às forças do universo e delas absorvem conhecimento; são aceleradas em vibração para a compreensão da lei e dos problemas da vida.

Todos os estudantes, todos os pensadores, filósofos, cientistas e trabalhadores das idades estão vivos; avançaram para campos mais vastos de experiência, mas não estão tão absorvidos na exploração dos mistérios da Vida que não prestem atenção às necessidades e ignorância da humanidade; pelo contrário, trabalham pela raça; são inspiradores, professores, guias e ajudantes de multidões que buscam compreensão, verdade, e dispõem de escolas, colégios, templos de arte, literatura, ciência, filosofia, de todas as áreas do saber ao serviço das almas sedentas de luz e conhecimento que lhes foi negado aqui.

Para a alma progressista, a morte é um erguer-se; é uma gloriosa promoção; uma elevação para um grau superior de todo o bem; uma mudança de base para um mundo mais grandioso e melhor; não algo a ser procurado voluntariamente, nem algo a ser alcançado pelo suicídio, pois esse passo frustraria o fim desejado, enredando o espírito na teia das condições terrenas, mas algo a ser graciosamente aceite quando a Natureza cumpre a sua vontade com o corpo gasto.

A MORTE DE DOIS CRIMINOSOS

Um barracão sombrio de tábuas toscas, um catre de palha e alguns poucos objetos rudimentares — nada de atrativo ou relevante no seu aspeto; é um casebre, longe de qualquer refúgio humano, abandonado e castigado pelas intempéries, e, no entanto, serve agora de abrigo a um fugitivo caçado; uma criatura macilenta, abandonada e lamentável, sob o disfarce e a farraparia de um homem; alguém que deveria estar no auge da saúde e vigor; mas está doente de morte, a morrer e sozinho. Arrastou-se até este abrigo modesto para fugir à fúria da tempestade, bem como à busca dos oficiais da lei que o perseguiam.

Pois ele não é inocente de intenção e ato criminosos; durante anos foi ladrão e vagabundo, sempre à margem de atos lícitos. Mais cedo ou mais tarde encontrarão esta cabana e o seu pálido ocupante; virão para o prender, pois a rixa em que se envolvera exigia punição para todos os que nela participaram. Mas não o encontrarão, pois, então, já estará fora da jurisdição de qualquer tribunal ou lei terrena, pois está a morrer. Tem consciência e percebe que "chegou ao fim". A tempestade ruge lá fora, e ele ouve o seu assalto furioso contra o velho barracão.

Este lugar não lhe é repulsivo, pois raramente tivera melhores aposentos noutras épocas. As sedas e iguarias de outros nunca conheceu. Morrer, e sozinho, não lhe parece assim tão terrível, pois está exausto e cansado das lutas da vida. Pergunta-se vagamente o que haverá para lá — se realmente existe vida depois da morte — e, de vez em quando, murmura algo do que pensa, embora não haja ninguém da Terra para o ouvir.

"Será que há alguma coisa depois?", murmura.

"Será que é verdade o que dizem os pregadores? Não sei, parece-me que não pode haver muito mais inferno lá do que aqui; sempre foi um inferno viver aqui. Nunca houve hipótese nenhuma; sempre a lutar; nunca houve uma oportunidade para um tipo singrar. O que é que se há de fazer; ou empurras ou és empurrado; parece que desta vez fui empurrado de vez. Pergunto-me o que vem depois. Bem, se houver alguma coisa, logo saberei."

Pouco depois cai numa meia sonolência. O velho barracão parece-lhe envolto por uma névoa acinzentada; não há dourado, nem esplendor rosado de uma alvorada eterna, mas sim um silêncio tranquilo, uma sensação de algo que paira, mas sem terror; sente como se caísse suavemente no sono. O som da tempestade enfraquece, a visão do quarto desvanece, a névoa cinzenta envolve-o, os membros ficam dormentes. Passa assim algum tempo, até que desperta de repente e murmura de novo; espreita para as sombras cinzentas. Há ali uma forma. "Quem és?", pergunta.

"Um amigo."

"Não tenho amigos. Vieste para me levar? Para onde? Para um sítio melhor? Está turvo — não consigo ver."

Mais murmúrios; escuta claramente alguma presença, pois volta a falar: "Vou ter uma oportunidade? Nunca tive uma boa oportunidade, nunca; fui pontapeado e espancado em criança, sempre maltratado e pisado; não, nunca me deram uma oportunidade, sempre desconfiaram de mim, de qualquer maneira."

“O que é isso? Vais ajudar-me; é o que os polícias dizem sempre quando querem meter um tipo na cadeia. A sério? Bem, eu vou, mas não consigo ver, está escuro.”

Uma luz azul clara atravessa a névoa cinzenta — a luz de um espírito missionário — e o homem contempla-a; move-se como que para a seguir e, ao fazê-lo, o seu espírito abandona a forma degradada e, como vapor, eleva-se acima do catre de palha bolorenta, formando-se gradualmente na figura de um ser humano; mas não é bela e luminosa como as formas espirituais dos seres que caminham na luz; nem é de treva densa como as formas de muitos que se deleitaram no pecado voluntário, quer de posição elevada quer baixa.

Ele foi uma criatura de circunstâncias que não procurou e que o mantiveram no fundo, apesar do seu desejo e, por vezes, esforço para se erguer. As forças vibratórias da sua natureza e condições pertencem a um plano que só podia emitir emanações fumegantes para a formação do corpo espiritual. Para ele, os arredores são sombrios, mas para o missionário espiritual que o acompanha tudo é luz.

Agora o homem está liberto do corpo mortal e segue a luz azul do seu guia. Em breve consegue ver mais claramente. Encontra-se num país estranho; é ondulado, com colinas, não muito altas, mas castanhas e áridas; parecem cercar todo o plano — não há saída entre elas. Aqui e ali vê homens e mulheres a trabalhar. Parecem estar a escavar ou perfurar as colinas, e cada um tem o seu lugar e a sua tarefa. Não lhe prestam atenção, e ele não sente vontade de lhes falar.

Logo o guia detém-se diante de uma colina que não mostra sinais de ter sido trabalhada, e inicia-se uma conversa silenciosa — mental — entre ele e o ser que o conduziu. O sentido é que esta colina foi erguida por ele próprio durante a sua vida passada; que, pelos seus atos e pensamentos, pelas suas emanações e forças, construiu esta barreira entre si e o país mais belo para além dela, onde poderá encontrar a “oportunidade” de ter um lar, liberdade, conforto e de se tornar um cidadão útil e respeitado entre homens de grau espiritual mais elevado.

Mas, para alcançar esse estado e esse país, deve nivelar esta colina com o seu próprio trabalho; levará tempo, resistência, trabalho e paciência, mas o guia diz-lhe que é possível e que poderá conquistar o sucesso e a honra pela dedicação fiel ao dever.

Quando compreende a situação, e que não será condenado por ninguém, nem caçado, nem aprisionado pelo seu passado, mas que esta é a sua primeira “oportunidade” para subir, e que outras e mais atrativas

oportunidades virão, mostra-se disposto a iniciar as tarefas e começa a trabalhar. Cumprirá o que empreender; com o tempo, o labor paciente e voluntário trará a sua própria recompensa. Tornar-se-á mais compassivo e pronto a ajudar outros, embora aprenda que cada um deve escavar por si; ainda assim, uma influência benéfica de simpatia tornará o trabalho menos árduo e penoso. Com o tempo, a colina será nivelada e ele passará para um país mais belo, onde campos ensolarados e paisagens agradáveis abundam, ali também trabalhando para o seu progresso contínuo e para o de outros necessitados.

Não estará sozinho, pois formará associações e companhias afins. Guias e bons amigos iluminá-lo-ão; ensinamentos ajudá-lo-ão a aprender muitas lições que lhe foram negadas na Terra. Já iniciou um caminho ascendente, mesmo agora, ao entrar na Terra da Vida pela Morte, e cada golpe que der será um passo para a liberdade e para a libertação das correntes que prendem a alma.

OUTRA CENA

Uma cela de prisão contendo apenas o catre estreito e o banco sobre o qual repousa uma bacia e um copo de estanho; nada, absolutamente nada de conforto ou sequer conveniência. Sobre o catre está deitado um jovem, aguardando a aurora que o levará à eternidade pelas mãos da lei. É verdade que cometeu o crime pelo qual vai pagar esta pena arbitrária; num momento de paixão derrubou o homem que fora seu capataz e tirano.

O golpe revelara-se mais violento do que pretendia, mas isso não foi tido em conta pela majestade da lei; o seu perseguidor estava morto, morto por um golpe, e este rapaz de vinte e um anos espera a hora em que expiará o crime. Não era um rapaz brutal — nada parecido com o opressor que, por uma longa série de provocações e abusos, o atormentara até o levar a este “crime” para além de qualquer contenção.

Havia circunstâncias atenuantes, se a Lei as tivesse considerado, pois o perseguidor fora, anos antes, o capataz da mãe viúva deste rapaz, explorando-a com exigências e o magro pagamento que lhe dava pelo trabalho, até ela definhar e partir desta vida. Então o rapaz, com apenas doze anos, também trabalhou, como escravo, na fábrica, ganhando apenas o suficiente para se alimentar e vestir de forma humilde, suportando as provocações e insultos que ele e todos os outros no local sofriam do homem cuja ganância nunca se saciara.

No julgamento, foi provado que este rapaz fora ouvido a ameaçar o patrão, que, por vezes, na sua ira, dissera infantilmente que “não havia espaço no

mundo para os dois", e, portanto, sustentou-se que não fora apenas um golpe impensado, mas sim um ato friamente planeado e executado de forma a garantir a morte da vítima. Mas isto não era verdade, pois, embora George tivesse, em momentos de raiva, proferido as ameaças e insinuações que lhe foram atribuídas, nunca tivera intenção de as concretizar, e o ato final fora apenas o culminar de abusos e das condições de um momento de fúria incontrolável. Contudo, o seu atormentador estava morto, e ele aguarda para si próprio desvendar o segredo da Morte e enfrentar o temido "Desconhecido".

Ao início, e durante semanas, rebelou-se com toda a ferocidade e paixão do seu forte coração jovem; amava a vida, não queria deixá-la, mesmo que tivesse sido uma existência de dificuldades e tristezas. Mais tarde, tornou-se taciturno, e depois caiu, por um tempo, na melancolia. Passou por muitas gradações de tortura e angústia mental até que, finalmente, lhe chegou um estado de calma que só a palavra "resignação" pode descrever. Antes de chegar a essa condição, porém, tivera experiências, pois, durante as longas horas de solidão, as qualidades psíquicas da sua natureza começaram a manifestar-se.

Aconteceu, certo dia, quando ele estava no auge da sua melancolia, que uma luz lhe apareceu; não era grande, talvez do tamanho de um prato, e tinha um tom delicado de azul. Fitou-a com espanto e, depois, com reverência, pois logo lhe revelou o rosto da sua mãe — não macilento e consumido como fora quando ela o deixara, dez anos antes, mas agora belo e iluminado de dentro para fora, embora o sorriso fosse triste e os olhos — tão luminosos, tão belos, como nenhum olhar humano — parecessem cheios de lágrimas por derramar.

Ficou a contemplá-la por muito tempo, pois naquela cela silenciosa e escura a visão permaneceu até ele sentir a sua beleza, o seu poder, o seu amor e o seu significado penetrarem na sua consciência desperta; depois desvaneceu-se, deixando-lhe uma sensação de calma que nunca antes experimentara em toda a sua vida.

Poucos dias depois, voltou — aquela visão maravilhosa que inspirava paz, e depois mais vezes. Com o tempo, o disco luminoso deixou de surgir, mas, em seu lugar, apareceu muitas vezes uma suave iluminação na qual se revelava a figura inteira da sua querida mãe, luminosa em si e bela. Logo as suas perceções mentais ficaram ainda mais despertas, e comunicações desta visitante celeste chegavam-lhe à consciência; não havia palavra falada, mas a mensagem era sempre clara e completa; através delas começou a receber instrução, pois a sua mãe transmitia-lhe muitos ensinamentos; dizia-lhe como fora errado ceder ao seu temperamento nos

anos após a partida dela, e que o cultivo do ódio contra aquele homem o tinha levado àquela cela e ao seu destino; que os seus estados mórbidos e passionais tinham tecido à sua volta uma teia de trevas na qual estava parcialmente enredado, e da qual não poderia ser salvo senão pelos seus próprios esforços e trabalhos, mais tarde; e que a melhor tarefa que teria para se libertar da escuridão e do frio que certamente encontraria para lá seria ajudar a salvar o homem que enviara prematuramente para a vida espiritual, e que ainda estava preso, como por correntes de aço, aos velhos hábitos e lugares.

Intuitivamente, o rapaz sentia e compreendia estas lições; sob a influência da mãe, ganhava força magnética para enfrentar o destino com resignação e para ser “um homem” ao aceitar a penalidade, aqui e no além, pelos seus atos; pois, nas mensagens e visitas, sentia-se confortado.

Soube que não o esperava nenhum inferno sulfuroso; que entraria num lugar de consciência e ambiente que ele próprio construíra e merecera, e que não seria convidativo, mas também não pior do que o que conhecera na Terra; e que poderia suportar o que viesse, já que lhe era dada esperança de libertação, oportunidade de reparar e de progredir, e a promessa de que a sua querida mãe poderia alcançá-lo, como fazia agora, com simpatia, encorajamento e consolo.

Quanto a ajudar o homem que matara com as próprias mãos — bem, não estava preparado para isso. Ainda não o perdoara pelo passado, nem queria o PERDÃO dele por o ter tirado da vida mortal; mas a mãe, sábia no seu conhecimento espiritual, não insistiu no ponto, pois sabia que, quando estivesse nos lugares espirituais, o rapaz sentiria o despertar dos poderes da sua própria alma; saberia que contrição, reparação e perdão nascem do serviço à humanidade, e que, em devido tempo, desejaria ajudar o velho inimigo a libertar-se das correntes que o prendiam ao pó da Terra e à ânsia de ganância que eram parte da sua vida.

Chega, agora, a manhã da execução. A “vigilância da morte” cumpriu o seu papel e retirou-se. Os guardas estão presentes para cumprir as suas funções. O jovem está passivo nas suas mãos, prestando-lhes pouca atenção, pois encontra-se em transe magnético, quase alheio ao que o rodeia e ao seu destino.

Não o seguiremos até à hora final; basta dizer que pagou integralmente a sua dívida para com a “Lei” e a “Sociedade” e que o seu espírito foi devidamente enviado a caminho. Isto não é ficção, nem o são quaisquer das ilustrações desta série de textos sobre o importante tema “O que é a Morte?”. Todas foram testemunhadas pela inteligência espiritual que inspira estes artigos para esclarecimento de quem deseja saber.

Um choque súbito, um solavanco, desagradável mas não violento; um sobressalto e um estado de consciência confuso, e nada mais sabe das condições terrenas ou das sensações da mortalidade; está liberto delas; por algum tempo, fica atordoado e meio adormecido, mas consciente de uma sensação de calma e paz. Com o tempo, desperta, as suas sensibilidades afloram, e olha à volta; sabe que é ele próprio, embora não exatamente como fora; as mãos e o corpo parecem-lhe diferentes — menos pesados e opacos; mas têm um tom acinzentado que não lhe agrada; não é fumo nem pó, pois não sai ao esfregar; é algo entranhado.

O ambiente à volta também é de um tom cinzento-escuro; é como olhar através de fumo, turvando-lhe a visão. Encontra-se num vasto campo, e parece-lhe que terá de o percorrer e trabalhar vezes sem conta. Com o tempo, percebe que não está sozinho; há ali pequenos seres, meros pigmeus, também a trabalhar.

Ele próprio — sim, ele também — é tão pequeno, nada com a altura que tivera. Também não gosta disso. Agora vê que algumas dessas pessoas são maiores; parecem ter crescido, e ele, também, terá de crescer; tem de começar a trabalhar, e procura algo para fazer, encontrando-o; é trabalho psíquico, mas corresponde a esforço físico pesado; depois vem o estudo, igualmente difícil, mas como a maioria está ocupada, não quer ficar atrás. Não sabe quanto tempo isto dura; podem ser meses ou anos.

Durante esse tempo, viu ocasionalmente a mãe numa luz, mas raramente, e apenas quando completava alguma tarefa especialmente difícil a que se propunha. Está a crescer, a aprender, e a substância enfumada começa a desaparecer do corpo e do ambiente, mas ainda não está satisfeito; algo lhe aperta o coração. Sabe que está descontente, mas só quando cresce o suficiente consegue compreender porquê.

Agora fica claro: tem de perdoar e ajudar o homem a quem fizera mal. Aprende que “dois erros nunca fazem um acerto” e que é seu dever não só perdoar todas as queixas e abusos antigos, como também procurar ser perdoado pelo seu crime contra a vida de um homem, e ainda ajudar aquele que está em trevas maiores do que as suas. Viu-o ocasionalmente, um ser envolto em negrume, de expressão feroz e olhar sombrio, que vagueia sempre pelos antigos lugares, mas que é constantemente puxado de volta por uma corrente invisível — a força da atração — para uma atmosfera espiritual de tonalidade escura.

Por fim, George enfrenta o trabalho. Tenta aproximar-se gentilmente do velho, mas são precisas muitas tentativas e lutas da sua parte, e muitas recusas do outro, antes de conseguir despertar, naquele coração endurecido, um sentido de justiça, honra e retidão. O perdão acabou por vir

de ambos, a reparação mútua, o trabalho conjunto para beneficiar outras vidas, e o reconhecimento recíproco dos direitos e necessidades humanas trouxeram progresso a ambos. Assim, com o tempo, todos os vestígios enfumados desapareceram do corpo espiritual de George.

A luz, a beleza e os elementos etéreos tomaram-no; as sombras cinzentas recuaram quando avançou para novas cenas e associações. A mãe estivera com ele durante algum tempo, aguardando apenas que o seu trabalho e redenção se completassem.

Agora viajam juntos para espaços mais límpidos e condições cénicas mais belas; cada aspeto é encantador; a atmosfera é pura, perfumada e suave; não há sinal de tempestade ou nuvem; tudo ao redor é esplendor, e, mesmo assim, ela diz-lhe que a mais bela paisagem e a mais perfeita associação que ele ou ela possam alcançar agora não são nada comparadas à grandiosidade do que virá em futuras experiências e estados de consciência, ao longo das eras.

Mas, por agora, ele está contente em desfrutar a beleza do momento; cada cena desenrola-se diante dele em esplendor mágico; e ele é feliz. A vida é gloriosa agora; conquistou-a e é sua para a gozar.

O Bem Eterno está em toda a parte — ele não conhece o medo; é novamente um rapaz aos cuidados da mãe, e a vida, em satisfação ilimitada, pertence-lhe, como a todas as criaturas. Continuam o percurso. Sempre quisera viajar, mas sempre fora retido em lugares desagradáveis, como vielas, fábricas, celas, penumbra espiritual e labuta, até que agora está no ar, a atravessar os lugares mais belos com perfeita facilidade.

Vê países aprazíveis e cidades encantadoras. Nações revelam-se diante dele. Encontra muitas pessoas e estas têm costumes estranhos. Está a absorver conhecimento, e ao mesmo tempo a alimentar o seu sentido de beleza. Tudo é Bom.

Chega o momento em que se sente satisfeito com as viagens, e a sua querida guia, a mãe amorosa, percebe-o; assim, regressam a casa — e é mesmo casa; um lugar belo no mundo espiritual, moldado pelo amor de mãe, mobilado em beleza por um material magnético tecido das próprias renúncias, sacrifícios e conquistas da sua vida; um lar glorioso e digno de todo o louvor e admiração.

Além disso, aqui há pessoas queridas, trabalhadores, mestres, companheiros que realmente lhe são afins, pois, em espírito, estão no seu mesmo plano, e pertencem-lhe como ele a eles. Tem, naturalmente, inclinação para a música, e aqui pode desenvolvê-la e satisfazê-la; também possui certas faculdades para construir dispositivos mecânicos que nunca

puderam ter expressão na Terra, devido às limitações de lá, mas aqui pode experimentar e trabalhar conforme a sua inclinação; tudo é bom e ele está em Casa. “O que é a Morte?”

CARREIRA E MORTE DE UMA SEREIA

É um vasto percurso desde os planos inferiores da consciência e experiência espiritual até aos planos superiores da glória celestial, mas estados intermédios e gradações de sensibilidade compõem as esferas sucessivas em que a inteligência humana encontra o seu impulso progressivo e a sua evolução até que o mais nobre seja alcançado.

Temos dado alguns exemplos das condições mais leves dos seres humanos ao passarem pela morte, embora alguns deles tenham sido ensombrados pelas reflexões e emanações de estados infelizes ou não desenvolvidos na Terra. Não tentámos representar nada do mais elevado, pois nenhuma mente finita pode contemplar essa glória nem apreciar o seu valor.

Agora tentaremos retratar algumas das condições e experiências que acompanham outros graus de seres conscientes na sua passagem para o que o homem chamou o grande “Desconhecido”. Estas ilustrações, tal como as anteriormente apresentadas, são retiradas de ocorrências reais e não são fruto da imaginação do inspirador ou do escriba.

Uma bela casa, numa zona nobre de uma grande cidade; o seu exterior silencioso, recatado e — para aqueles que o observam sem conhecer o seu carácter — algo misterioso. O interior é belo; luzes suavemente difusas, mobiliário atraente, luxuosas comodidades, um ar de quietude contida, tudo transmitindo uma aparência de deleite sensorial e de refinamento físico.

Mas há no local uma atmosfera psíquica, uma aura magnética que faria estremecer sensíveis bem sintonizados, enquanto, para a sua perceção aguçada, as turvas emanações e os eflúvios físicos, impercetíveis ao sentido externo mais grosseiro, estariam em total contraste com a exibição material e os atrativos de beleza e riqueza.

Neste local elegante preside uma mulher de cerca de cinquenta anos, bem cuidada, fisicamente atraente, de maneiras perfeitas e trato suave; nos seus aposentos encontram-se mulheres finamente trajadas, jovens, alegres, amantes do prazer carnal, belas de rosto e aparência, pois não admite outras na sua casa. Homens vão e vêm, escolhendo as suas companheiras de uma hora. Carruagens vistosas chegam, recolhem a sua formosa carga e partem para outras cenas de diversão carnal.

Os anos passam e esta louca roda continua; uma após outra, as belas jovens definham e afastam-se das portas que já não as receberiam quando o seu atrativo físico desaparecesse, mas outras vinham tomar o seu lugar, aliciadas pela mulher sorridente que mantinha a casa como abrigo para elas.

Jovens raparigas, belas raparigas; na maioria estranhas na cidade; persuadidas, lisonjeadas, arrastadas por esta mulher para o seu antro de vício e desonra; raparigas, como mosquitos, atraídas pela chama deste fulgor humano elétrico e destruídas no que diz respeito à utilidade e respeito humanos, sendo depois lançadas à deriva para terminar os seus dias em tugúrios e antros de iniquidade e vergonha, onde abundam a pobreza e a miséria, e onde o preço da gradação pessoal não é mais do que alguns tostões por um pedaço de pão ou um trago de gin.

E assim a dança alegre prossegue; mas os anos passam e, por fim, a própria alcoviteira chega ao fim da vida mortal. O seu infame trabalho está feito, mas, antes desse fim, retirara-se com os ganhos ilícitos e instalara-se noutra cidade onde as suas façanhas e o seu rosto eram desconhecidos. Aí, algumas senhoras elegantes deram-se com ela e, não conhecendo a sua carreira anterior, sentiram-se algo atraídas pela sua personalidade. Mas o fim chega; ela está a morrer.

A sua casa é bela — não falta qualquer conforto para o corpo, nem se omite qualquer harmonia de cores e arranjos — tudo aparentemente tão refinado quanto a casa do mais culto e intelectual mortal de gosto e posses; e, no entanto, para uma alma sensível, esta atmosfera é sem substância; não há Alma ali — é como lixo dourado, próprio apenas para o monte de despejo.

A mulher tem o seu médico e a sua enfermeira. Assistentes ocupam-se dela; cada necessidade é antecipada e cada desejo satisfeito; mas ela está a morrer, e ninguém pode prolongar-lhe a vida mortal nem satisfazer o seu desejo insano de viver, viver, pois, oh!, ela teme morrer. Nada sabe da vida futura, mas sente vagamente que há algo para além, e teme encontrá-lo.

Assim, durante dias, sofreu intensamente, não de dor física, mas pelo medo e pavor do Desconhecido. Agora chegou a hora, mas cessaram os contorceres e gemidos. Já não há sentido ativo de nada; está simplesmente passiva, inerte, pois o momento final é sempre de tranquilidade mental e calma interior.

Por ora, está aturdida; um torpor mental abate-se sobre ela, embora esteja intensamente consciente de um vapor escuro e turvo a encher o quarto; é como fumo espesso, mas parece provir dela própria, obscurecendo a luz suave do aposento e toldando o rosto da enfermeira.

Agora, parece condensar-se em véus de negrume; depois assume formas de criaturas rastejantes, cobras e répteis; depois adensa-se em cortinas que abafam todo o som e visão; mas ela ainda não sente medo — está impassível, curiosa até certo ponto, mas não ativamente; e as emanações continuam, como se não tivessem fim. Agora, a assistente nota uma mudança na doente; o suor frio da morte surge-lhe na testa, os olhos semicerrados, mas com um olhar fixo intenso — é evidente que o fim está próximo.

Mas as sombras são invisíveis ao olho mortal, embora densas, escuras e desagradáveis. Por fim, assumem forma, a de uma figura humana, igual à do corpo no leito, uma mulher, alta mas mal conformada; marcada por deformidades grosseiras, escurecida por linhas e cicatrizes, traços audazes mas pouco belos; olhos que brilham mas não com luz atraente; envolta em penumbra, vestida com trajes de tom chumbo apagado — não é visão agradável nem para espírito nem para mortal que a pudesse contemplar!

Um cordão grosso e rijo prende-a ao corpo terreno. Não é elástico nem luminoso; prende como uma corda. Ela sente vagamente o seu poder, mas não consegue soltá-lo. Continua parcialmente aturdida pela tremenda mudança e sem verdadeiro sofrimento. Até que o corpo terreno seja disposto, permanece nesse estado semi-consciente, apercebendo-se vagamente do que acontece; indiferente, meio ciente da escuridão à sua volta e do pesado cordão que a mantém presa, e ainda assim demasiado inerte para fazer esforço sério pela libertação até ao momento crucial em que o corpo mortal está prestes a ser baixado ao seio da mãe Terra.

Então, uma consciência súbita, uma luz rápida a percorrer-lhe o cérebro, um intenso desejo de se libertar do barro, um esforço de puxar e arrancar, provocando uma dor indescritível a atravessar cada fibra deste corpo espiritual velado — a sensação de que vai ser enterrada viva, um medo torturante, tudo num instante, mas que parece durar mil horas.

Através desse esforço supremo, do trabalho de sofrimento, para ela tão agudo e físico como se realmente possuísse um corpo mortal, o cordão pareceu afrouxar um pouco, mas não se separou do corpo; ainda assim, esticou e permitiu-lhe manter-se afastada da abertura no solo. Não foi puxada para o corpo encerrado, mas pareceu flutuar sobre a terra já lançada sobre a forma no caixão.

Dias, semanas, meses nada significam para os espíritos preocupados apenas com sensação e acontecimentos. Quanto tempo ali permaneceu, ninguém pode dizer; foi até que uma nova vibração a colheu no seu curso e a memória começou lentamente a afirmar-se; então vieram, apinhadas, as recordações de toda a sua vida passada; a juventude voluntariosa e

desobediente; o casamento com alguém que lhe podia dar os luxos e o ócio que exigia; o afastamento dele e a posterior vida de vergonha, assumida de livre vontade; a aliança com um homem que lhe propôs abrir um requintado antro de iniquidade; a sua pronta aceitação do plano; o afastamento posterior desse homem; depois, os anos de carreira como sedutora dos jovens e inocentes.

Tudo isto trouxe uma grande luz à sua atmosfera enevoada, mas uma luz que apenas tornou a escuridão em volta mais profunda; um brilho que lhe deu o mais agudo tormento e que a cegou de tal forma que voltou a clamar pela escuridão para obter alívio. E ela veio, a escuridão abateu-se, na qual ela se encolheu e se agachou, como se temesse encontrar qualquer outra alma.

Não lhe vinha fome, nem sede, apenas uma grande escuridão e uma sensação de dias vazios, vazios; sem fogo do inferno, sem demónio captor, apenas os seus próprios pensamentos, e estes tão carregados de tristeza. Ainda não sentira qualquer vergonha, nem o remorso lhe puxara o coração, embora viessem mais tarde e trouxessem o seu próprio aguilhão e dor.

Com o tempo, surgiram pontos de luz, alguns belos como o sol, outros vermelhos como fogo intenso, e eles picavam-na; tentou esconder-se deles e não conseguiu, nem soube o que eram até que, passadas algumas semanas, tinham estimulado tanto as suas vibrações que conseguiu distingui-los como formas — rostos e olhos que a fitavam. Alguns reconheceu, e tinham sido dessas pobres criaturas que ela primeiro atraíra para a perdição e, mais tarde, afastara, e que tinham morrido sem abrigo — algumas até suicidas.

Não a ridicularizavam, mas assombravam-na, e foi-lhe imposto o entendimento de que, embora nenhuma delas fosse tão infeliz ou tão mergulhada nas trevas como ela, a maioria tinha passado por sofrimento e dor, ou estava então em condições de desgraça como resultado das suas vidas mal gastas, e que ela poderia ser responsabilizada por tudo isso.

Ainda assim, o remorso e a vergonha só vieram depois de essas luzes e rostos terem cumprido a sua obra na sua alma, após o que chegou a verdadeira dor e sofrimento, a miséria do desprezo por si mesma, a tortura do remorso, a angústia da autoacusação e do desespero. Nenhuma língua pode descrever, nenhuma pena pode retratar o horror e a humilhação de um ser humano em tal tribulação.

No meio desta condição, veio até ela uma luz mais doce, que trazia frescura e não picava; uma luz suave, cálida e bela e, assim que se ajustou ao seu cintilar, descobriu que era o rosto de uma bela jovem — “Celia”, a quem,

talvez mais do que a qualquer outra, tinha prejudicado de forma mais gratuita. Mas Celia não a olhou com tristeza nem com desdém; terna simpatia brilhava nos olhos escuros, doce piedade irradiava do sorriso suave, compaixão emanava do rosto encantador, e entrou-lhe na mente a mensagem: “Venho para te ajudar”, e dela própria saiu a resposta: “Estou para lá de qualquer ajuda.”

“Não é assim”, disse a jovem gentil. “Agora estás pronta para a ajuda que te posso dar; quero fazer-te bem.”

A partir desse momento começou a obra regeneradora e, lentamente, como uma criança a aprender a andar, as lições foram estudadas, a prática de tentar erguer-se prosseguiu, até que, por fim, foi dado o primeiro passo em direção a um estado e ambiente mais luminosos.

Voltemos agora a um período da vida de Celia, o belo espírito que tinha vindo com promessa de ajuda e luz para a mulher presa à Terra, que fora a causa da sua queda. Celia foi para a cidade com dezasseis anos; não conseguiu trabalho e, sendo uma jovem bela, naturalmente delicada, gentil e cativante, caiu nas mãos da madame de quem temos estado a falar.

Vestida e alimentada com requinte pela sua encantadora, a jovem foi apresentada a um homem vistoso que de imediato conquistou as suas afeições; mas ele não tinha qualquer desejo de as manter para além de satisfazer a sua vaidade e luxúria, e, em menos de um ano, afastou-se dela para se dedicar a outras vítimas; então a pobre criança recusou comer, o sono abandonou-lhe o corpo, definhando e consumindo-se, tornou-se um fardo para a mulher, que a expulsou sumariamente, tornando-a errante. O sofrimento e a dor levaram-na a pôr termo à vida mortal, e ela também passou para as esferas espirituais.

De início, tudo era enevoado para a sua consciência; um crepúsculo cinzento-pérola envolvia-a. Ouvia cânticos, mas ao longe, como o eco da sua infância feliz. Via tons de amanhecer, mas através de uma névoa; para ela eram como as auroras róseas de dias há muito esquecidos. Estava cansada e queria dormir, e caiu num estado de sonolência suave, em que as cenas da sua vida pareciam passar repetidamente diante de si.

Depois, durante algum tempo, esteve infeliz. Não conseguia descansar, e como queria tanto! Os pensamentos do que tinha feito, de tudo, passavam-lhe pela mente, e queria descansar; queria também sair da sombra e ver claramente, e parecia-lhe tão longo o tempo em que se sentia tão inquieta e doente.

Mas, pouco a pouco, tornou-se consciente de uma voz suave algures perto, repetindo versos reconfortantes num tom cantarolado; eram versos simples

— a sua mãe costumava cantá-los para a pequena que morrera aos seis anos:

“Dorme, meu pequeno, repousa e sonha,

Anjos santos guardam o teu leito,

Bênçãos celestes sem conta

Caem docemente sobre a tua cabeça.”

De novo e de novo os ouviu, e pareceu-lhe que devia ser a irmãzinha que morrera dez anos antes quem os cantava, e que ela, a pobre abandonada, era a criança a quem as palavras se destinavam. “Dorme, meu pequeno, repousa e sonha” — sim, era exatamente o que desejava fazer, e à medida que a melodia suave se derretia no seu cérebro, os sentidos cansados foram embalados num sono magnético e reconfortante, que significava nova vida e força para uma alma exausta. Quando despertou, estava noutro reino.

As vestes cor de pó tinham sido removidas e estava trajada de cinzento-pérola. As sombras tinham desaparecido, e estava numa atmosfera de sol límpido; à sua volta floresciam flores e corriam águas serenas. Uma bela jovem estava ao seu lado e sorria-lhe com simpatia. Perto, uma pequena casa parecia convidar a errante, e, com um olhar interrogativo, voltou-se para ela. “Sim, é tua”, disse a guia; “é bonita, mas incompleta.

Sou a tua irmã Madie. Sempre estive contigo e ajudei-te a chegar aqui. Sei tudo o que sofreste e a penalidade que pagaste por qualquer mal voluntário; mas estás a salvo agora. Ajudei a construir esta pequena casa, mas não a pude mobilar, só tu o podes fazer, com a tua vontade e o teu trabalho.”

A partir desse momento, começou uma série de lições e esforços que tinham por objetivo e triunfo final moldar esta vida inacabada numa esfera de pureza, paz e utilidade; e esse trabalho prosseguiu sempre, cada sucesso trazendo nova beleza à trabalhadora, nova satisfação à vida e nova ornamentação à bela casa de luz.

Entrou em antros de iniquidade com os seus mestres e guias para ajudar seres infelizes ali; passou por bairros miseráveis da Terra, levando uma luz magnética de auxílio para pobres vítimas de pobreza, pecado e carência; entrou em hospitais onde crianças jaziam a sofrer, levando bênçãos a corpos fatigados e corações cansados — onde quer que pudesse ser útil, ia para ajudar e abençoar.

Um dia, foi atraída para um lugar muito sombrio da consciência e sofrimento humanos. Era no lado espiritual, mas mais escuro do que qualquer outro

que alguma vez vira; recuou perante ele e, ainda assim, algo dentro de si parecia impeli-la a avançar. Oh!, era tão escuro, que não conseguia fazer ali luz, e, mesmo assim, mantinha-se ligada àquela incursão. Vapores de eflúvios e fumo erguiam-se para a cegar, e, não fosse a consciência de que a proteção de almas superiores a rodeava, teria sentido que desmaiaria.

Mas, por fim, apercebeu-se de uma alma na escuridão; um homem, alguém que a chamava pedindo misericórdia e perdão, e então a luz agitou-se dentro dela e ela conseguiu ver; sim, lá estava ele, como alguém preso numa areia movediça que o segurava mas não o engolia; reconheceu-o de imediato, o seu antigo sedutor e abandonador.

Então ele também teria morrido, e, saído da elegância e da condição aristocrática do seu estado mortal, viera para esta escuridão e lama fétida devido à imundície do seu próprio ser, que acumulara dentro e à sua volta; a poluição moral e a sujidade que aqui seriam o seu ambiente e castigo.

“Celia,” chamou ele, “pelo amor de Deus vem ajudar-me” — e então ela soube que era este clamor e a força motriz por detrás dele que a tinham conduzido até ali. Inclinou-se sobre ele e voltou-lhe o rosto luminoso. Ao princípio, ele não o conseguia ver; depois, cegou-o e, em breve, reconheceu-o, mas não lhe trouxe o alívio que esperava, pois, para ele, era como o golpe de uma espada afiada.

Mas ela manteve-se ali até que ele se habituou à luz e, por fim, lhe implorou perdão pelo que lhe fizera. Com este homem, o progresso foi lento, não só quando viu assim a luz da sua vítima, mas durante muito tempo depois. Foi uma escalada lenta e dolorosa, e as torturas que ele simplesmente teve de suportar ao enfrentar-se a si próprio e aos atos do passado estavam para além do que a mente humana pode conceber.

A retribuição é a Lei Infalível — é o lado sombrio dessa força eterna cuja face gloriosa é a compensação.

O que é a Morte?

CARREIRA E MORTE DE UM HOMEM MUNDANO

A hora da emancipação do espírito do seu invólucro terreno está próxima; os mortais chamam-lhe a hora da Morte. Não foi procurada; dificilmente é bem-vinda, mas o seu sujeito respira agora tranquilamente e sem um único pensamento de revolta, embora saiba que os seus últimos momentos estão próximos. Foi um homem de energia tremenda e atributos mentais positivos, abriu caminho pelo poder da vontade indomável e pela dedicação rigorosa aos negócios, e alcançou sucesso nos seus esforços materiais.

Este homem viveu com parcimónia nos primeiros anos, privando-se para poder poupar algo que servisse de base à fortuna que tinha em mente; pela sua própria concentração adquiriu conhecimento, experiência, uma educação razoável, e acumulou uma fortuna; é considerado um homem afortunado pelos seus pares. Não foi insensível nem desumano; ajudou muitas vezes viúvas e órfãos, contribuiu para fins filantrópicos e, muitas vezes, praticou atos de auxílio e de nobre valor que só os beneficiários conhecem.

Não foi um homem religioso, de facto pensou muito pouco em assuntos ligados a práticas devocionais ou à contemplação da imortalidade. Viveu até quase aos setenta anos e, até à última doença, não contemplou seriamente a possibilidade da morte, pois fora sempre saudável e ativo; mas quando a doença chegou, derrubou-o de imediato e, na sua brevidade, provou a mutabilidade da existência mortal.

Agora está a morrer. Pôs em ordem os seus assuntos mundanos; os seus entes queridos ficarão bem providos; deixou excelentes legados a várias causas meritórias; sente que fez o melhor que podia nestes aspetos e aguarda calmamente o fim — nem certo de que exista vida além, nem de que a aniquilação seja a lei.

Durante dias, a questão “O que é a morte?” ocupou-lhe a mente; ponderou-a em silêncio, acreditando que nem médico nem pregador a podem responder satisfatoriamente. Agora afastou-a da mente e limita-se a esperar pelo fim.

O seu quarto é elegante — não ostensivo nem exuberante nos arranjos — foi um homem de gostos simples — mas tudo é sólido e denota posse de riqueza e bom gosto. A sua querida esposa e o filho estão com ele, mas não podem acompanhá-lo para o Além, se é que há algum lugar para onde ir. Essa viagem terá de ser feita sozinho, mas tem coragem e não mostra medo.

Assim, os momentos passam e as forças diminuem; agora perde de vista todas as coisas externas, até as figuras ao seu lado se tornam sombrias; está a falecer. Agora, um verdadeiro panorama de cenas passa diante dele, incidentes e acontecimentos de há muito tempo surgem-lhe como imagens — muitos completamente esquecidos, mas que voltam tão claros e frescos como se tivessem ocorrido recentemente.

Alguns deles tornam-se sombrios ao fitá-los; outros tornam-se luminosos e belos, e depressa percebe que as imagens que escurecem são memórias de coisas que não fez corretamente ou que negligenciou — boas intenções

que não concretizou, trabalhos que pensou mas não realizou, erros cometidos e alguns atos que sabia não serem totalmente justos. As cenas luminosas eram memórias de boas ações cumpridas, atos bondosos e trabalhos eficazes. Tudo isto se tornou de grande interesse para ele; parecia repousar numa atmosfera de calma.

A morte está sobre ele, mas não se preocupa com isso, pois está a assistir ao espetáculo de imagens da sua própria mente. Nenhuma força externa, nenhuma outra inteligência cria estas cenas para ele; são projetadas pela operação do seu próprio Ego espiritual, e exercem sobre ele fascínio, embora num momento se sinta humilhado e no seguinte exultante com o que vê.

Os assistentes declaram-no morto e começam a cuidar do corpo inanimado. Ele não lhes presta atenção. Está a observar as imagens e a notar o seu significado, pois é-lhe imposto à consciência que são feitas a partir da vida que viveu. Nem por um momento esteve insensível, nunca esteve tão plenamente consciente da Vida como neste instante; está calmo e o ambiente condiz com o seu estado de espírito. Não está nem feliz nem infeliz. Uma mudança tremenda está a operar-se nas suas condições e assuntos, mas não se excita com isso — é simplesmente ele próprio e encara esta experiência da mesma forma como sempre lidou com assuntos materiais de importância, emergência e crise.

Durante o desenrolar do panorama, muitas reflexões lhe vieram. Viu a vida sob uma nova luz; o seu significado foi-lhe explicado com mais clareza do que poderia tê-lo sido por filósofo ou sábio. Simplesmente foi deixado a sós consigo mesmo, para se conhecer melhor — os motivos pessoais, pensamentos, atos, conceções, equívocos e individualidade. Levou tempo. O seu corpo físico permaneceu alguns dias, depois foi sepultado com alguma pompa e honra.

Outros assuntos foram ajustados em relação ao seu passado na Terra; ele não lhes prestou atenção, mas agora terminou a contemplação da sua experiência de vida, o espetáculo acabou, a lição foi transmitida, ele desperta para novas condições; sabe que a Morte significa vida, e que está vivo. Para ele, isto significa trabalho; não pode estar inativo; é contra a sua natureza. Olha em redor e encontra um mundo de pessoas e de atividades; é diferente de qualquer coisa que teria imaginado, caso tivesse tentado conceber como poderia ser a vida imortal.

Estas pessoas pareciam muito naturais, ocupadas e discretas; as suas casas eram como alguns locais da Terra, nem grandiosas, nem miseráveis; tal como famílias de recursos moderados, razoavelmente prósperas, poderiam usufruir. Ele também se encontrou com uma casa, não de luxo

nem de riqueza, mas uma habitação modesta com um ambiente agradável; uma cena campestre doce e perspetiva aprazível; bem, agradava-lhe e parecia confortável, por isso não pediu mais. Por algum tempo foi deixado sozinho, ainda a conhecer-se melhor, e, reparando em certos aspetos da casa que poderiam ser melhorados, tentou fazê-lo, mas não tinha material com que trabalhar, nem ferramentas, nem substância, e teve de deixar as melhorias à espera até saber mais sobre este estranho país que chamou para si “A Terra da Morte.”

Com a sua natureza, não poderia suportar o ócio por muito tempo, e cedo se cansou. Esta impossibilidade de trabalhar aborreceu-o. Os vizinhos não lhe davam atenção, mas, por fim, recebeu a visita de uma bela mulher que o chamou de “meu querido filho John” e que acabou por reconhecer como a sua querida mãe, “morta” há quarenta anos. Era bela e jovem de aparência, tanto quanto ele podia ver, pois estava velada por uma gaze rendada e parecia não pertencer ao mesmo mundo em que ele vivia.

Ao início não conseguiu compreender claramente a sua mensagem, e ela veio muitas vezes antes que ele aprendesse que a sua casa ficava numa esfera de consciência, vibração e expressão muito diferente da dele — muito além desta em que se encontrava; esta ficava próxima da Terra, algumas das pessoas que ele tomara por vizinhos eram, na realidade, mortais ocupados com os seus assuntos materiais; não o tinham visto nem estavam especialmente conscientes de qualquer presença espiritual; outros eram espíritos como ele — desencarnados, mas ainda não inteiramente libertos do plano terreno.

Tentara trabalhar para ou com alguns deles, mas os seus esforços eram inúteis, porque havia muito pouco em comum entre ele e eles. Os mortais que confundira com pessoas de outra vida não respondiam às suas saudações, e até aqueles que em tempos movera pela sua palavra e influência eram-lhe agora indiferentes.

Aprendeu que criara o seu próprio lugar e casa com o material fornecido pelas suas forças vibratórias e emanações magnéticas enquanto na Terra; que era agradável, modesta e confortável, em parte porque as suas boas ações e atos altruístas tinham criado material suficiente para essa condição e aparência, mas não estava completa porque o material se esgotara. Não conseguira melhorar a casa, pelas mesmas razões — o material esgotara-se.

Teria de fazer muitas boas ações pelos outros antes de poder obter força, substância e ferramentas para concluir a casa. Os professores mostrar-lhe-iam como fazê-lo. A sua casa terrena fora espaçosa e bem mobilada, custara uma soma elevada, embora o seu próprio aposento fosse simples

em comparação com muitas divisões, ainda assim toda a estrutura era palaciana e bela. Não assim com esta casa espiritual, que não fora construída com mãos nem com riqueza material — tinha os seus confortos, a sua aparência modesta, o seu interior agradável e exterior pitoresco, mas estava longe de ser palaciana, e até ele percebia que os seus confortos e vantagens poderiam ser melhorados.

Ganhara isso em espírito; fornecera o material e praticamente construíra aquela casa, mas teria de a ampliar ou trocá-la por um lar mais grandioso numa esfera mais elevada através do seu esforço e progresso espiritual. Tudo isto aprendeu com a mãe, que o visitava dia após dia; conheceu e conversou com outros professores.

Percebeu que vivera sozinho durante a primeira parte da sua existência neste estado limítrofe, porque, em espírito, já vivera sozinho há muito, dedicando o seu tempo aos negócios e prestando pouca atenção ao lado social da sua natureza.

Ao início não sabia como trabalhar; precisava de estar ocupado, todas as energias da sua natureza clamavam por atividade; não sabia nada sobre trabalhos e métodos espirituais; tudo o que lhe ocorria para expressar a sua habilidade e conhecimento de forma útil era a velha atenção às linhas de negócio, tal como na Terra.

Desejava trabalhar no mercado comercial, no turbilhão das finanças, no centro das atividades mortais, e, sabendo que não poderia contrariar de outra forma as propensões da sua natureza mental, nem aprender atividades mais espirituais até o fazer, os professores não se opuseram; pelo contrário, guiaram-no a cenas e pessoas da Terra, mostrando-lhe como poderia aplicar as suas energias e influências em boas obras para o interesse e bem-estar humanos.

Assim prosseguiu por algum tempo, influenciando mentes na Terra para o sucesso, cuidando de escolher apenas aquelas naturalmente intuitivas, benevolentes, simpáticas; direcionando os seus pensamentos para vias de ajuda benéfica à humanidade; ajudando-as a alcançar prosperidade para que pudessem realizar melhor trabalho para o mundo; exercendo as suas maravilhosas energias em qualquer direção que aumentasse o conforto dos seres humanos ou o sucesso de mentes inteligentes.

E assim os anos passaram e, muitas vezes, ao voltar a essa humilde casa espiritual sua, percebia que podia naturalmente acrescentar-lhe beleza e utilidade, pois levava consigo uma força intrínseca que lhe permitia alcançar espiritualmente o que procurava. Assim continuou no seu trabalho, encontrando gradualmente condições cada vez melhores, afastando-se

lentamente das tarefas e objetivos de comerciante e financeiro, dos mercados e do comércio, para os trabalhos e aspirações daqueles que lidavam com as forças subtis da natureza, procurando dominá-las e experimentando para que as necessidades e o conforto humanos pudessem ser satisfeitos pelas suas descobertas e invenções, e trazendo a tais mentes algo do estímulo, da energia e da coragem da sua própria reserva inesgotável, para que não caíssem no fracasso e no desespero.

Nesta nova linha de esforço e realização, surgiu uma nova força para John; afastando-se do turbilhão das finanças, encontrou para si próprio um novo poder e elevação nos assuntos da vida; então veio a mudança tremenda de vibração espiritual para ele — vinda de dentro de si próprio; pois, ao tentar regressar à casa espiritual (e ao seu ambiente) que conhecera, não a conseguiu encontrar; era como se nunca tivesse existido; em vez de gravitar para as cenas que lhe eram familiares, encontrou-se simplesmente num país glorioso, cuja beleza é indescritível; lá estavam casas magníficas, pessoas de formas e feições luminosas, vestidas com suaves trajes de tons radiantes; havia agradáveis companheiros que chamavam o seu nome e com quem fez amizade de imediato; numa das mais belas casas encontrou o pai e a mãe, e soube que ali viviam; perto, outra casa que lhe despertou admiração era a sua, e, no seu interior, à espera da sua chegada, viviam a sua querida filha, que “morreu” em criança, e também um filho que partira da Terra na infância.

Tais delícias como as que então lhe vieram estão além do que a pena pode descrever; mas ele merecera-as todas, e não podia alcançá-las até ter pago até à última parcela o seu valor.

TRÊS CASOS NOTÁVEIS QUE ILUSTRAM A MORTE

A questão da Morte apela a todas as mentes; os seus processos, as sensações que causam no ser humano — corpo e mente — o que ela traz à humanidade, consciência ou esquecimento? O que, se algo, está para além? Tudo isto está contido na única e profunda interrogação: “O que é a Morte?”

Os artigos anteriores sobre este tema deram exemplos do significado, processos e revelações da Morte na experiência de diferentes seres humanos; todos eles foram fiéis à vida e retirados das condições reais de indivíduos. Os números restantes desta série revelarão também a verdadeira experiência de entidades espirituais conhecidas dos guias deste médium. Não precisamos recorrer à imaginação para ilustrar a obra da

Morte na consciência humana; temos as suas ocorrências concretas diante de nós todos os dias.

Desta forma, retrataremos as sensações e experiências do suicida, escolhendo como exemplo três casos distintos de entre os muitos que conhecemos.

A pobre rapariga abandonada e de coração partido, expulsa do círculo da simpatia e reconhecimento humanos, vivendo na miséria e sofrendo os tormentos da extrema pobreza e solidão, que procura o rio, ou corta o cordão da existência entre corpo e espírito por outros meios, viverá, naturalmente, por algum tempo na sombra, porque o seu ser era incapaz de gerar mais do que a névoa cinzenta, ou aura, e de criar mais do que lentas vibrações de força espiritual no sistema; mas a sua própria angústia, a intensidade da sua dor e as condições desoladas da sua vida tendem a acelerar a força vibratória, a repelir as coisas e condições que a arrastam para baixo, a levá-la a ansiar por condições melhores e mais elevadas e, por si mesmas, inclinam toda a sua natureza para uma linha mais pura de atividade e aspiração.

Assim, embora corte o cordão vital pela sua própria vontade, não está totalmente só nem indefesa; a sombra acabará por se dissipar, a luz virá, a bênção da cura magnética e reconfortante ser-lhe-á transmitida por curadores espirituais, a dádiva do verdadeiro ensino ser-lhe-á proporcionada por professores espirituais, e ela erguer-se-á para os confortos do lar e da simpatia, tal como o cuidado e o amor altruístas podem oferecer, enquanto o aguilhão mental da consciência de erros passados será superado pelo esforço elevado e fiel para aprender e crescer, a fim de poder ajudar outros no seu sofrimento.

Não lamentará ter deixado voluntária e conscientemente o plano mortal no momento do seu desespero. O suicídio, no seu caso, não trouxe dor reflexiva nem punição retributiva. A culpa pelo ato não recai sobre ela, mas sobre a condição da sociedade que permite que qualquer ser humano seja um proscrito da simpatia e da verdadeira reforma, e também sobre aqueles que foram pessoalmente responsáveis pela sua queda. Para ela, a Morte foi um Libertador, a alavanca que a elevou a planos mais altos de consciência, experiência e paz.

Mas não é de tais casos que tratamos neste texto. Mencionamos apenas um deles de passagem, para mostrar que nem todos os casos de autodestruição do corpo mortal têm a sua responsabilidade no ato ou no seu motivo, mas que esta deve ser encontrada nas causas que o originaram. As coisas espirituais discernem-se espiritualmente; a sua raiz e fonte estão nas leis e condições subtis que são a base da causa e da

sequência. Os efeitos externos podem não indicar claramente a sua origem e significado. O verdadeiro buscador do conhecimento procurará discernir os princípios espirituais que sustentam os motivos e atos, até mesmo os pensamentos, das entidades humanas cujos atos admira ou condena.

O nosso primeiro caso de hoje é o de uma mulher de meia-idade que estivera doente durante vários anos, tornando-se gradualmente cada vez mais indefesa e cheia de dores. Fora uma trabalhadora árdua, sustentando-se a si própria e a outros com o fruto do seu labor, até ser abatida por uma enfermidade vital que nenhum medicamento ou sistema de tratamento podia curar. Não possuía meios próprios e, piorando progressivamente, fora levada para casa de um parente, que também nada tinha além do salário semanal para sustentar a sua família.

Ano após ano, a doente definhara em saúde e forças nervosas, atormentada pela dor e vivendo entre a esperança e o receio da morte, para pôr fim a tudo. Era sensível, naturalmente orgulhosa e de espírito independente, e o facto de ser não só uma fonte de despesa, mas também de constante cuidado para o tio e a família dele, pesava-lhe na mente como uma influência dolorosa. Declarada incurável pelos médicos, implorara ao parente que a enviasse para a enfermaria gratuita de um hospital ou para alguma instituição de caridade, mas ele não o quis fazer; assim, permanecia deitada, quase totalmente indefesa, infeliz e desamparada.

Na última visita, o médico dissera que não precisava de voltar; que nenhum doutor lhe poderia ser útil; que provavelmente continuaria como estava durante muitos anos. Aconselhou-a a ter ânimo, pois a Morte não a alcançaria tão cedo — notícia que apenas aumentou a sua dor e ansiedade mentais. Pelo que podia ver, não havia absolutamente esperança de alívio — nem paliativo para o sofrimento, nem fim para o cuidado e a despesa que representava para os seus dedicados amigos.

Finalmente, decidiu pôr fim a tudo pelo seu próprio ato; alimentou esse pensamento dia e noite, até que a contemplação do gesto se tornou fascinante para a sua mente. Levou tempo até encontrar a oportunidade que procurava, pois não podia levantar-se da cama e raramente tinha ao alcance algo que lhe pudesse servir para tal.

Por fim, a oportunidade surgiu. Durante dois dias, além dos males habituais, sofrera intensamente de um ataque agudo de nevralgia, e, para aliviar esta condição, a tia conseguira e administrara-lhe morfina, o que lhe atenuara um pouco a dor excruciante. Era agora de tarde, a casa estava silenciosa, Eliza ficara sozinha para descansar, se possível. Sobre uma mesa junto à cama estava a caixa de comprimidos de morfina, e, alcançando-a, a doente

engoliu calmamente o suficiente do seu conteúdo para cumprir o pacto mortal que fizera consigo mesma.

Deitou-se serenamente, aguardando os efeitos da “overdose”, que mais tarde se supôs ter sido tomada por engano. A sua mente há muito se habituara ao ato. Já não sentia receio — todo o medo, todo o horror tinham passado, e tais emoções não tinham mais lugar no seu pensamento. A angústia mental, a pena, mesmo por um ato voluntário como este, tinham sido superadas semanas antes da consumação do propósito.

Calma e paz preenchiam-lhe o ser; até o sentido de dor física estava submerso no grande mistério e revelação da hora. Gradualmente, um entorpecimento do corpo apoderou-se dela. A mente ainda estava alerta, mas os membros tornavam-se rígidos e a pulsação mais lenta. O quarto parecia cheio de uma espécie de neblina púrpura, mas delicada e perfumada; agradava-lhe e perguntava-se se aquilo seria a Morte.

Em breve, viu rostos; alguns sorriram-lhe; outros pareciam franzir o sobrolho, e ela não gostou do ar ameaçador destes. Então, pareceu-lhe que os rostos sorridentes eram as suas boas ações e pensamentos felizes, personificados e afetuosos para com ela; e que os que franziram o sobrolho eram personificações dos seus pensamentos rebeldes e pouco amáveis, de alguns erros cometidos na vida, e de coisas que não devia ter feito.

Mas estava demasiado calma e tranquila para se preocupar com qualquer coisa, e por isso observou-os todos com silencioso interesse e curiosidade. Passado algum tempo, desapareceram, e ela percebeu que já não estava deitada, mas que se encontrava de pé, vestida com uma túnica macia e felpuda de um tom peculiar, púrpura com um reflexo acinzentado, que lhe agradou, e acariciou-lhe as pregas. Os seus abundantes cabelos castanhos caíam-lhe sobre os ombros, e ela tentou prendê-los, mas, para sua surpresa, mantinham-se no lugar sem gancho ou adorno.

Depois olhou à volta e ficou satisfeita por ver um bando de pombas, aparentemente aos seus pés, e uma fonte de água cristalina no centro de um parque verdejante, logo à frente. Há tanto tempo que não estava de pé, tanto tempo! E moveu-se com hesitação, mas viu que podia fazê-lo com aparente facilidade. Aproximou-se da fonte e sentou-se na sua borda, apanhando o jato de água com a mão delicada.

Cada gota que lhe caía sobre a pele parecia enchê-la de nova vida; cintilava e brilhava e enviava-lhe uma pulsação elétrica por todo o corpo. Ao início, isto doeu, mas logo começou a sentir-se renovada, forte e feliz, cheia de um prazer infantil. Uma das pombas veio aninhar-se-lhe na mão; segurou-a

junto ao peito enquanto as outras se juntavam à sua volta, e começou a falar-lhes.

Nesse momento, aproximou-se uma menina de cerca de dez anos, bonita, trazendo uma grinalda verde e branca que brilhava como se coberta de geada. “Isto é para ti”, disse a criança. “Fui eu que a fiz, e, quando a usares, compreenderás coisas que de outro modo te poderiam confundir. Não me reconheces, mas sou a pequena Jessie, que conheceste.

Levaste-me da minha mamã quando ela foi para o céu, e cuidaste de mim até eu morrer. Eu tinha três anos, e pouco depois tu adoeceste, e nós tentámos ajudar-te, mas não pudemos fazer muito; apenas influenciar favoravelmente as boas pessoas que cuidaram de ti, para que não se cansassem de o fazer. Encontrei a minha mamã no céu, e lá temos momentos tão lindos; oh, é tão bom morrer e deixar a terra.”

Colocara a coroa na cabeça de Eliza, e de imediato esta pareceu saber tanto; pensamentos atropelavam-se-lhe na mente. Percebeu que ela própria também “morrera”. Reconheceu a criança como aquela que acolhera de uma vizinha moribunda e cuidara como sua até à morte. Viu também que o bando de pombas era a encarnação de boas ações suas, e que a que se aninhara na sua mão era a melhor de todas, o símbolo de um serviço que prestara a uma “rapariga caída.”

“Agora podes vir comigo”, disse a criança. “Vê como te moves bem”; e juntas avançaram, para lá do parque, para o éter claro — até chegarem a um belo lugar onde outros que ela conhecera e chorara esperavam Eliza. Familiares, amigos, pais, irmã e outros a quem fizera algum bem, todos deram as boas-vindas; não havia censura pelo ato que cometera — apenas amor, saudações e alegria.

Mais tarde, quando soube mais sobre a vida e os seus propósitos, lamentou não ter suportado mais pacientemente os males e sofrimentos, mas nunca sentiu verdadeiro pesar pelo ato que libertara os seus cuidadores mortais do fardo, embora, à luz da revelação superior, visse que até essa disciplina adoçara as suas naturezas, acrescentara à sua herança espiritual e dera fortes pulsações de glória às suas vidas interiores.

Entrando na nova vida com firme propósito de ser útil e aproveitar ao máximo as suas capacidades e oportunidades, Eliza não se deteve a lamentar o passado, mas assumiu com entusiasmo e prontidão os novos estudos, os novos trabalhos, e prosseguiu-os com interesse e zelo, trabalhando pela própria salvação da dor e do arrependimento através das ocupações e serviços prestados a vidas necessitadas.

OUTRO CASO

Um jovem, enérgico, trabalhador, alegre, pouco mais do que adolescente, ajudando a sustentar pais idosos, cumprindo fielmente o seu trabalho e ganhando o seu espaço — naturalmente um bom rapaz e otimista. Tinha-se saído bem e granjeara a simpatia de patrões e colegas. As suas perspetivas melhoravam e a promessa de uma carreira útil e bem-sucedida brilhava diante dele. Mas, numa hora infeliz, cruzou-se com um grupo de homens — a maioria mais velhos do que ele — que conheciam bem os meios mais vis e degradados da vida.

Pintaram-lhe quadros sedutores das suas maravilhas e interesses, despertando-lhe primeiro a curiosidade e depois o desejo de ver por si próprio algo desse submundo; isto foi a causa da sua queda. Não durou muito, e depressa se cansou verdadeiramente desse outro lado da natureza humana; mas, antes que pudesse afastar-se dele e das companhias que fizera, ficou financeiramente comprometido por menos de cem dólares, quantia que não via forma de conseguir.

O horror da dívida, o medo de ser exposto perante os de casa e no trabalho, a terrível influência absorvida das companhias das últimas semanas, o miasma moral que a sua natureza sensível tinha absorvido, tudo isto atuou sobre a sua mente, produzindo uma angústia e dor profundas, que criaram um estado anormal de espírito e corpo, e, num momento de desvario, este rapaz, de quem tanto se esperava e para quem tanto se prometia, cometeu o ato que enviou o seu espírito para fora do corpo mortal.

Durante algum tempo, o horror manteve-se com ele; estava dentro de si e não podia ser logo dissipado; criava-lhe uma escuridão à volta, mas esta não permaneceu muito. Espíritos doces, belos e prestativos tomaram-no a seu cuidado e lançaram-no num sono magnético que lhe trouxe apenas descanso e calma, acalmando o pavor nervoso e o medo, e produzindo uma sensação de paz na sua mente infeliz. Ele não fora vicioso, nem verdadeiramente imoral. Saíra para ver algo da vida e fora arrastado pelas suas correntes ferozes.

Fora um bom e afetuoso filho e trabalhador fiel, um jovem moral, e os hábitos e vibrações da sua vida valiam-lhe agora. Não descera a qualquer plano de tortura, infelicidade ou sofrimento, no outro lado, pois não criara condições para tal, e não pertencia a esses planos; assim, quando despertou do sono magnético, encontrou-se entre amigos, prestimosos guias, professores e almas amorosas cujo objetivo era abençoar e ajudar.

Tem uma boa casa e um ambiente agradável, oportunidades de estudo e crescimento, trabalho que expandirá a sua natureza e abençoará a sua

trajetória; mas não está livre do arrependimento, nem da sombra que inevitavelmente tempera a beleza e a glória da vida espiritual, pois agora percebe o sofrimento que causou aos pais na Terra; primeiro, a terrível dor mental pelo seu ato e suicídio, depois as privações de conforto material que lhes ocasionou ao partir, e a privação do sustento que, com o seu trabalho, lhes fornecia.

As suas reflexões e memórias não podem deixar de lhe causar dor e pesar. Gostaria de ter vivido, mesmo que cometendo erros, para expiar as suas faltas, reparar as suas consequências na Terra e cuidar dos pais idosos, em vez de os deixar à proteção e cuidado de outros não tão próximos e queridos.

Mas agora já não pode ser evitado, e está a ser ensinado a tirar o máximo partido da vida tal como ela é; a fazer o seu melhor pelo mundo e por si próprio e, sobretudo, a exercer uma influência boa, espiritual e forte a favor e sobre outros jovens que possam ser tentados e atraídos para fora do caminho da retidão, para que sejam fortes para resistir ao mal e para superar erros, caso estes ocorram. Será um verdadeiro trabalhador na reforma humana e não se submeterá, nem sucumbirá, às condições de uma vida arruinada.

OUTRO CASO

Temos agora de tratar de outro suicida que tomou nas próprias mãos a lei da vida, decidindo funcionar noutro plano de consciência, e este caso será totalmente fora das categorias que mencionámos. Convém aos humanos na Terra pensar longa e seriamente antes de se aventurarem a interferir com a lei da existência que os colocou aqui para fins de crescimento mental, experiência e treino, pois este é um colégio preparatório, e, a menos que estejam prontos para se formarem e entrarem nos departamentos superiores da vida, o simples ato de se libertarem do corpo mortal não os elevará a escolas mais grandiosas, nem lhes dará conforto e facilidade; pelo contrário, pode ser o meio de aumentar a sua miséria e de produzir uma intensidade de inquietação e dor no seu ser, que nenhum poder, senão anos de crescimento e esforço, poderá mitigar ou acalmar.

Este caso é o de um homem de forte energia empresarial, convicções firmes e indomável na sua busca por riqueza e por uma posição elevada no mundo dos negócios. Ganhara o seu lugar como banqueiro de distinção e influência graças à sua atenção incansável ao trabalho e à sua cortesia constante. Era inteligente, instruído, enérgico e dotado de “personalidade magnética”. Grandes responsabilidades tinham sido confiadas a ele.

Viúvas e órfãos, o pobre operário e outros, confiavam na sua palavra e investiam as suas poupanças segundo o seu conselho e exemplo. Mas o homem revelou-se infiel à confiança recebida. Seduzido pelo brilho da especulação e ansioso por aumentar a sua riqueza e fama, apropriou-se dos fundos que lhe haviam sido confiados e, de outras formas, faltou à honra e ao dever. Basta dizer que o colapso chegou e, com ele, a exposição e a ameaça de prisão. A desonra já habitava na sua alma havia meses, mas ele não lhe dera atenção até ser revelada ao mundo.

Durante muito tempo contemplara o caminho que finalmente seguiu — o da apropriação indevida e das fraudes. A princípio, afastara essa ideia como uma contaminação, mas os movimentos da “Bolsa”, as cotações e as atividades especulativas fascinavam-no, e por fim cedeu à sua influência e poder.

A esposa e os filhos eram inocentes de qualquer culpa — apenas ele e a sua desmedida ânsia de riqueza e posição eram responsáveis. E agora chegara o colapso! Uma auditoria ao banco, a investigação financeira, a chegada do perito inspetor, tudo significava ruína social e desastre financeiro para si e para a família, e assim, para escapar ao castigo do seu crime, tirou cobardemente a própria vida.

Mas a história da sua vergonha espalhou-se. Tudo o que restava dos seus lucros foi para os credores. Sem casa, a esposa e os filhos pequenos partiram para recomeçar a vida, humildemente, numa cidade onde a mãe pudesse trabalhar para manter as crianças longe da necessidade.

O seu nome foi alvo de execração pública, pois o banco fechara as portas e os pobres não conseguiam receber os pagamentos que lhes eram devidos. E quanto a ele?

Seria o seu um leito de rosas numa terra de puro deleite? Não, não! A escuridão encheu-lhe a alma e cercou-o por todos os lados. Desde o momento em que disparou o tiro que rompeu o cordão vital, sentiu as dores de um inferno que nenhuma língua pode descrever. Gritos horríveis pareciam ecoar-lhe nos ouvidos; cenas de carnificina e saque surgiam diante de si; confusão da pior espécie cercava-o; dores lancinantes agitavam-lhe o ser — não encontrava descanso nem paz!

Sabia que estava morto. Sabia que perdera todo o direito de corrigir os seus passos ou de cumprir as promessas dos seus primeiros anos. Visões de chamas, inundações e terríveis desastres surgiam-lhe a cada instante. Era lançado de um lado para o outro, posto em contacto com mortais que amaldiçoavam o seu nome; forçado a ouvir os gritos de crianças famintas; obrigado a reconhecer a enormidade dos seus atos e, o tempo todo,

mergulhado na escuridão e nas condições pantanosas e miasmáticas que ele próprio gerara e estabelecera como estado psicológico do qual não podia escapar.

Não conseguia chegar à sua família. Pusera-se a si próprio demasiado longe deles. Nem a esposa nem os filhos estavam no seu plano, nem outros parentes ou amigos de outrora, muitos dos quais já haviam partido da Terra. Não era por escolha deles; era simplesmente o resultado dos seus próprios atos, que o haviam afundado nas malhas da escuridão psíquica e mental, de onde só poderia erguer-se pelo próprio remorso, contrição e trabalho.

Claro que havia muitos dispostos a ajudá-lo; espíritos benfeitores, sempre prontos a amparar os infelizes, mas que não podiam realizar o trabalho inicial nem alterar-lhe as vibrações de modo a elevá-lo a planos mais altos de pensamento, sensação e consciência; tudo isso teria de vir dele próprio, embora com o tempo fosse acelerado pela influência magnética dos que o amavam e desejavam o seu bem.

Espíritos e mortais, através de pensamentos e orações, enviaram-lhe uma força que acabou por se tornar o impulso para que as suas próprias forças interiores o conduzissem a estados melhores e mais puros.

O caminho do pecador voluntário e consciente é áspero; o vício e o crime, seja em lugares baixos ou elevados, trazem retribuição inevitável. O suicida que mata o corpo para escapar a castigo merecido ou para fugir à responsabilidade é um cobarde e certamente encontrará um inferno tão torturante como aquele de que foge. As circunstâncias regem cada caso. A morte apenas traz aquilo que pertence a cada alma.

MORTE DE UM EXTREMAMENTE EGOÍSTA

Um velho jazia à morte; a sua casa e os seus aposentos poderiam ter sido extremamente luxuosos se assim o desejasse, pois a sua riqueza era fabulosa. Contudo, o lugar não era destituído de confortos, e os seus criados eram da sua própria escolha. Toda a sua vida de trabalho fora dedicada à obtenção de riqueza; a sua avidez nunca se saciara. Um milhão tornara-se o incentivo que o impelia à aquisição de outros.

Trabalhara cedo e tarde para aumentar os seus bens, fazia investimentos e negociava propriedades — sobretudo do tipo habitacional arrendado, cujos inquilinos explorava sem piedade, exigindo rendas totalmente desproporcionadas às condições, ou à falta delas, que os seus imóveis ofereciam aos ocupantes.

Entre os seus colegas de negócios e o público em geral, era visto como um avarento, pois era sabido que a sua cobiça não tinha limites, e que todos os que estavam ao seu serviço eram explorados até ao limite das suas forças e tempo, sem qualquer benevolência.

Ao contrário do rico cuja experiência na morte e além dela já narrámos, este homem não tinha filantropia na alma. Não fazia donativos para causas de caridade, nem ajudava os necessitados; a sua longa busca por riqueza e o seu apetite insaciável por ela pareciam ter secado toda a riqueza de simpatia humana e bondade fraterna que poderia ter herdado.

Mas estava a morrer. O fim de uma longa carreira chegara, e o chamamento para outro estado era iminente. Consciente de cada pontada de dor e do lento aproximar da morte, permanecia imóvel, sem revelar os pensamentos que lhe enchiam a mente. Era de natureza positiva, estoico, determinado, indomável de vontade, cheio de energia; alguém capaz de olhar sem emoção para elementos devastadores ou catástrofes humanas, um homem de ferro no querer e no pensar.

As horas passaram, até que o frio e o entorpecimento da mudança apagaram todo o sentido da dor, e a escuridão caiu sobre ele. No quarto era pleno dia, mas para ele chegara a negrura da noite. Através das sombras não conseguia ver qualquer brilho de luz, nenhum rosto familiar. A ideia de ter de deixar todo o ouro que acumulara, e de que outros o dispersariam com o tempo, era-lhe profundamente amarga.

Nunca se preocupara com o além, pois não acreditava na imortalidade; mas o ter de deixar a sua riqueza e tudo o que ela representava era, para ele, de máxima importância. Agora, apenas a escuridão — e, para ele, isso significava aniquilação, esquecimento; mas, embora o envolvesse, vindo de dentro de si como a emissão de um fumo denso e turvo, não o engolfava ao ponto de o tornar inconsciente.

Isto surpreendia-o, pois, para ele, só podia significar uma coisa — aniquilação! E era frio, também, e intensamente desagradável. Sentia-se como alguém amarrado com força por correias e exposto a rajadas geladas numa escuridão intensa, mas esperava estoicamente pelo fim.

Assim ficou por horas, dias, com a mesma sensação gélida e escuridão em toda a parte — permaneceu à espera do fim de todas as coisas para a sua individualidade — até que algo o sacudiu, algo como um barulho horrível que trouxe alvoroço e confusão à sua consciência, mas que serviu para o despertar do estado de cativeiro e para sentir que já não estava preso nas cadeias geladas. Quando se apercebeu do que fora que quebrara o feitiço e dissipara a escuridão em parte, a descoberta enfureceu-o.

Em vão tentou impor a sua vontade e desejo; em vão procurou falar em tom imperioso com aqueles cujas discussões haviam trazido o barulho ao seu sentido interior; em vão tentou exigir atenção e impor a sua autoridade. Continuava preso, mas agora por correntes de natureza tal que não encontrava alívio algum.

Correntes misteriosas, invisíveis, mas tão fortes como cabos de aço soldado. Em meio à confusão, descobrira que morrera e que o seu corpo fora sepultado. Enquanto jazia no frio e na escuridão, tal acontecera; os herdeiros haviam-se reunido e apresentado as suas reclamações sobre a herança. Alguns, vorazes nas exigências e ameaçando contendas legais; outros, regozijando-se com a parte que lhes cabia do seu tesouro acumulado — e toda essa influência e tumulto compunham, para ele, em ondas psíquicas, um inferno de ruído e discórdia que despertava a sua ira e apelava à sua velha natureza para se impor e reaver para si o que ganhara e guardara.

Pois não tinha qualquer noção de vida espiritual, nenhum sentido de outro mundo; apenas via que não fora aniquilado e que ainda vivia. Conseguia vislumbrar vagamente a sua velha casa, os antigos lugares de negócios e transações, os velhos associados, e também aqueles que estiveram ao seu serviço. Como alguém meio cego, podia ver e sentir tudo isso e ardia de desejo de voltar ao seu antigo lugar entre eles, de reassumir o comando, de expulsar os que tinham vindo reclamar os seus bens e de voltar a ser o centro e cabeça dos assuntos materiais que lhe pertenciam dirigir.

A impossibilidade de se reinstalar nos antigos moldes não lhe ocorreu de imediato, e só após longo e infrutífero esforço se convenceu de que outros tinham agora o comando de tudo o que para sempre lhe escapara.

Não tinha interesse em aprender nada sobre a vida imortal. Estados e posses espirituais não lhe atraíam. A sua natureza espiritual fora negligenciada e tornara-se distorcida — não por falta de crença na imortalidade, mas por falta de simpatia humana, pela negligência das qualidades mais nobres de mente e coração, pela cristalização dos sentimentos elevados da alma, pela indiferença cultivada em relação às necessidades e bem-estar dos seus semelhantes.

Como mortal, andara ereto entre os homens. O seu rosto fora razoavelmente agradável. Não lhe faltava atratividade física. Como espírito, movia-se com corpo curvado e postura encurvada. O seu semblante era sombrio e repelente, a sua aparência, desagradável e nada digna de admiração. A vida terrena não fora tal que gerasse forças magnéticas de luz e beleza, pelo que o corpo espiritual só podia assumir a forma e expressão que o homem preparara na sua busca pelo ouro.

As condições astutas, ávidas e mesquinhas da mente imprimiram-se nesta forma espiritual e teceram-se por todo o seu ser. Nenhum dos seus antigos associados o teria reconhecido e, se o tivessem encontrado e sido apresentados a ele na sua figura espiritual, a visão poderia ter-lhes servido de lição que ajudaria a reformar as próprias inclinações e métodos antes que também eles fossem chamados da Terra.

Falamos de um caso real, de alguém que conhecemos e cuja redenção espiritual ajudámos do outro lado da vida. Não nos demoraremos na longa dor por que este homem passou; nenhuma pena ou palavra poderia exprimi-la adequadamente. Ao início, e durante muito tempo, revolveu-se em raiva por não poder recuperar o antigo comando e a riqueza material; miséria tal como então sofreu, nenhuma arte a poderia retratar.

Mais tarde, ao despertar um pouco para a realidade da sua existência espiritual e ao ser-lhe mostrado o sofrimento que causara a outros, teve uma nova experiência de dor. Mais tarde ainda, ao aprender como desperdiçara oportunidades de fazer o bem, como literalmente roubara a outros a sua parte nos confortos da vida, e como se prejudicara gravemente a si próprio pelo mau uso das suas energias, capacidades e dias, sentiu uma dor ainda mais aguda, pois esta era verdadeiramente espiritual e quase insuportável.

Mas todas estas experiências foram necessárias e inevitáveis. Tendo, pelas suas próprias más decisões e ações, descido magneticamente e psiquicamente ao nível das vibrações mais baixas, ficara nelas enredado e apenas capaz de tecer o tipo de material para vestes, ambiente e corpo espirituais que eram profundamente terrenos.

Assim só pôde ele alcançar um estado de consciência, depois de passar da vida mortal, que correspondia a tal materialidade e carnalidade. Era inevitável que sofresse nesta fase, porque já não tinha qualquer controlo sobre as coisas que haviam constituído a sua própria vida.

Na segunda fase, tendo aprendido o intenso sofrimento que causara aos outros, estava condenado à infelicidade, pois as suas sensibilidades espirituais começavam a despertar e o seu sentido de justiça a sentir a dor da culpa. Mais ainda, ao tomar consciência das suas omissões em fazer o bem e em tornar o mundo melhor, sofreu dor maior, e, por fim, ao compreender como defraudara a si próprio de tudo o que torna a vida digna de ser vivida, sentiu uma miséria e angústia ainda mais profundas na alma.

Mas todo este sofrimento foi necessário para a sua redenção, marcando o seu caminho para coisas mais elevadas e melhores, até que, através de grande tribulação e angústia, viu-se como realmente era e começou a

trabalhar na sua salvação da miséria, procurando fazer o bem à humanidade nas muitas e diversas formas que estão abertas às almas aspirantes no mundo espiritual. Só então começou a gerar os elementos e forças de poder e essência espirituais que serviriam para eliminar a grosseria do seu corpo espiritual e para absorver as forças etéreas que proporcionam uma textura e um aspeto mais refinados e atraentes à forma.

Na experiência e reforma deste homem, passaram-se anos; não foi transformado num dia nem num ano; os seus sofrimentos não foram de curta duração, nem deve alguém pensar que pode fazer o mal na Terra e escapar à retribuição e ao sofrimento resultantes do ato voluntário.

Há uma lei inerente à constituição humana que estabelece a medida de compensação e de retribuição de acordo com os nossos atos deliberados — para o bem ou para o mal — e ninguém pode escapar dela; assim, este homem teve de pagar a pena completa e, até que a sua PRÓPRIA ALMA estivesse satisfeita, não pôde encontrar paz nem descanso.

Durante o primeiro período da sua experiência, o seu ambiente era escuro e denso; depois veio a sua permanência no estado terreno, entre antigas associações e locais, pois ali estava o seu tesouro e todas as suas inclinações.

Mais tarde, derivou para outras condições e ambientes; a escuridão tornou-se como paredes de chumbo à sua volta, sobre as quais via gravadas, em vermelho profundo, imagens das misérias que causara aos pobres e desafortunados, cenas em que surgia como o senhorio impiedoso ou o patrão sem compaixão; imagens que não lhe davam descanso nem paz.

Seguiu-se nova mudança de vibração e de ambiente, que o trouxe perante outras cenas e situações; menos obscuridade, menos do brilho vermelho, mas imagens de oportunidades perdidas de fazer o bem apareciam-lhe; condições rápidas, rodopiantes, e repetições constantes do que poderia ter feito e não fez. Outra mudança ainda: mais luz, como verdadeiro sol, alguns vislumbres de água e outras belezas cénicas; algum perfume no ar e indícios de lar e conforto; mas novamente imagens, e vozes, e estranhas sensações, tudo lhe incutindo a convicção de que prejudicara muito mais a si próprio do que poderia prejudicar qualquer outra alma.

Outro período: as lições do passado tinham sido aprendidas; era um homem mudado, pois há esperança para todos além-túmulo, e cada alma deve encontrar a sua própria redenção.

Tornara-se simétrico, libertara-se dos elementos repulsivos, adquirira um porte mais nobre e uma figura agradável; estava mais próximo do que

deveria ter sido na Terra, e do que teria sido se tivesse seguido um caminho reto e nobre na sua carreira.

E agora, o sol brilha sobre ele, a luz da sua própria aura magnética envolve-o, o seu lar é luminoso, os seus companheiros são afetuosos, as suas condições, reconfortantes. É um trabalhador pela humanidade. A sua natureza positiva e as suas fortes energias foram finalmente direcionadas para canais nobres. A riqueza que deixara fora distribuída e posta em circulação; está a fazer mais bem do que alguma vez fez sob o seu controlo. Ganhou a vitória da alma, mas o caminho para coisas mais elevadas não foi, de forma alguma, um leito de rosas.

O que é a morte? Para alguém como este homem, revelou-se uma bênção, mas trouxe também uma coroa de espinhos que teve de usar até que cada aguilhão que infligira, deliberadamente, noutras vidas, tivesse sido dolorosamente impresso sobre si próprio; uma cruz de sofrimento que teve de carregar até que cada peso que colocara sobre outras vidas tivesse sido mais do que duplicado sobre si mesmo.

ESPÍRITOS FORÇADOS À VIDA ESPIRITUAL

ATRAVÉS DE UMA CALAMIDADE

A nossa imagem é a do interior de um amplo e belo local de assembleia; aqui as musas oferecem o mais requintado entretenimento e recreio mental aos seus devotos; cores esplêndidas, luzes cintilantes, sedutores acordes musicais, a glória e o auge das ofertas dramáticas em redor. Tudo é brilho e cintilação, rostos sorridentes, corações felizes, corpos perfumados vestidos com roupas sumptuosas e adornados com joias; e também gente mais humilde, com trajes modestos, que ocupa os lugares mais baratos e veio desfrutar do espetáculo que a arte histriónica proporciona.

Não há sinal de tristeza em todo aquele vasto auditório, nenhum indício de dor. A música sobe e desce ao compasso da batuta do maestro, e as luzes brilham ou esmorecem conforme a vontade do diretor. Tudo decorre serenamente até que, num instante, um tremor poderoso percorre a audiência, apanhando cada um sob a sua influência e transformando a cena pacífica num pandemónio de medo, terror, gritos e destruição.

O local está em CHAMAS, e mil pessoas estão presas dentro daquelas paredes coloridas! Não é nosso propósito descrever as agonias, as lutas, as excitações frenéticas, as terríveis cenas de loucura e morte que o acontecimento envolveu. Muitos escaparam com poucos ferimentos; outros foram retirados ainda vivos, mas mais ou menos mutilados, alguns ficando

inválidos para o resto da vida, e muitos mais foram sufocados ou esmagados até à morte na corrida insana e ensurdecedora.

O nosso objetivo aqui é dar uma ideia da cena para além do véu numa situação extrema como esta. Já foi perguntado: quais são as condições dos seres humanos que são lançados na eternidade num momento e por uma catástrofe destas? A resposta é que as condições serão tão variadas quanto as naturezas, impulsos, vibrações e disposições daqueles que passam da forma mortal desta maneira.

Do lado espiritual, a cena pode parecer de grande confusão, intensa agitação, aspeto lúgubre e atmosfera sulfurosa, ou pode parecer uma tranquila consumação de algo há muito esperado e revelado; depende das taxas de vibração e dos estados de consciência, do grau de avanço e da visão espiritual das inteligências que observam a situação, qual será a sua perceção dela.

Assim, alguns espíritos podem estar presentes para trabalhar, tranquila e pacificamente, entre os aflitos ou recém-chegados, vendo a cena com serenidade e sem agitação. Ministram aos necessitados, aos que foram arrancados da vida mortal e que estão prontos para receber cura magnética e assistência. Outros espíritos estão ali para reclamar os seus; alguns estavam preparados para o evento; outros receberam um choque vibratório no momento do acontecimento e, pela lei da atração magnética, foram de imediato conduzidos ao local e às vítimas que mais apelavam à sua simpatia e cuidado.

Tais eventos são conhecidos antecipadamente por algumas inteligências no mundo psíquico, mas não necessariamente por todas; alguns estudiosos de causa e efeito, que percebem com rapidez fraquezas nas construções de arquitetos, construtores e gestores, sabem que a negligência, descuido ou má gestão por parte dessas pessoas inevitavelmente levará a perigo e destruição; raciocinam com rigor e percebem que o desastre ocorrerá sob certas condições e em determinado prazo; as ondas vibrantes de pensamento levam esta informação a outros espíritos; a tragédia é prevista e, na medida do possível, é preparada assistência.

Muitos espíritos aproveitam para impressionar os seus amigos sensíveis na Terra a não se dirigirem a tal lugar naquela altura; outros não o conseguem, e alguns não têm qualquer influência a exercer.

Mas a tragédia referida aconteceu e, olhando para lá das cenas mortais, o vidente claro pode contemplar, por assim dizer, diferentes níveis de atividade e diversas manifestações da natureza humana. Aqui, perto da Terra, participando dos próprios elementos físicos, há um quadro de quase

escuridão; vagas espessas de fumo erguem-se; está povoado de entidades vivas. Algumas são atraídas das camadas e planos mais baixos da vida espiritual; outras são seres que emergem das suas formas mortais e tomam lugar nesta cena de confusão e trevas; estas últimas são espíritos deformados, subdesenvolvidos, sem preparação espiritual para ascender a planos mais altos de atividade e consciência; estavam na multidão do teatro; outras eram de feitio e condição diferentes, mas todas eram "terrenas, terrenas", e não desenvolvidas para os graus mais nobres e atraentes da vida espiritual.

Para o vidente claro, cujas vibrações podem ser elevadas enquanto está no estado superior, surge ainda outro quadro, que aparece acima do campo mais baixo da ação espiritual; é mais luminoso, tem menos trevas. Os espíritos nesta esfera estão ocupados a receber os recém-chegados que pertencem ao seu plano de consciência.

Os que chegam podem, ou não, estar conscientes da sua condição; alguns estão, outros encontram-se atordoados e inconscientes, mas vieram para o seu lugar próprio e são recebidos por cuidadores e amigos. Aqui há menos confusão — alguma excitação e pressa da parte dos ajudantes espirituais, e não tanta luz como as vibrações mais altas revelam, mas, no geral, uma cena acolhedora e reconfortante.

A visão do vidente claro amplia-se. Ele perde de vista os outros quadros ou cenas; as suas vibrações aceleram-se até contemplar uma visão muito mais gloriosa do que todas as anteriores. Aqui não há confusão nem agitação. Largas faixas de glória estendem-se em todas as direções. Vêem-se os campos mais belos e luminosos.

Há seres humanos vestidos com vestes resplandecentes, movendo-se pacificamente de um lado para o outro; alguns vieram receber amigos, tal como alguém na Terra vai à estação ferroviária saudar um convidado ou um regressado; outros movem-se com graça, mas parecem estranhos a esta vida e às suas condições, pois acabam de vir da Terra e chegaram através do fogo e das chamas dessa tragédia de que falamos.

Estes são os espíritos desenvolvidos espiritualmente que estavam prontos para a mudança; aqueles entre a audiência que eram verdadeiros e bons, fazendo o melhor nos caminhos da vida para tornar o mundo mais feliz e melhor com a sua influência e ações. Alguns eram de condição humilde, de circunstâncias modestas e sem riqueza, mas o seu trabalho, o seu pensamento, as suas aspirações, as suas atrações, eram espirituais.

Outros tinham mais recursos e vantagens terrenas, e puderam realizar obras maiores de filantropia e de boa vontade, mas, fosse qual fosse a sua

posição mortal, todos tinham ganho o seu lugar e parte neste glorioso país das esferas eternas.

Tais são os planos de consciência nos quais as inteligências humanas atuam; tão diversos e separados podem ser, que os participantes em qualquer destas cenas e atividades reais da experiência psíquica podem muito facilmente estar inconscientes da existência e do aspeto dos outros; ou seja, os recém-chegados às esferas mais brilhantes não veriam nada, nem teriam conhecimento de qualquer outro plano de atividade, consciência e expressão além daquele que alcançaram, e assim duas pessoas sentadas lado a lado no auditório condenado poderiam ter sido levadas à vida espiritual no mesmo instante, e cada uma ser elevada a uma taxa de vibração e estado de consciência diferentes, e nunca mais se verem.

A inteligência que há muito habita em qualquer dos planos mais luminosos poderia contemplar, se quisesse adaptar a sua visão e vibração, as cenas e funções mais escuras, mas os habitantes da esfera mais sombria não poderiam elevar a sua visão e compreensão aos estados superiores, nem os da segunda categoria poderiam perceber e compreender a glória e o significado desse plano mais elevado que atrai a si os mais desenvolvidos e espirituais dos que alcançaram o destino.

Tal como os campos da existência e do poder espiritual são ilimitados, a chegada de mil pessoas à vastidão dessa vida não precisa, por si só, de criar qualquer agitação; assim como milhares de viajantes aqui podem sair dos vagões numa grande estação terminal de uma grande cidade, onde muitos comboios, cada um na sua própria linha, chegam quase ao mesmo momento sem provocar qualquer distúrbio, cada um seguindo o seu caminho e todos desaparecendo para os seus destinos dentro de uma hora, também a chegada de uma multidão aparente às esferas espirituais num dado momento não precisa de perturbar minimamente a serenidade da vida além, nem de interferir com a sua beleza e paz, nem o fará entre aqueles que percorrem os campos grandiosos do Eterno.

Entre os que estão presos à Terra haverá talvez mais ou menos confusão, mas isso deve-se apenas ao facto de o choque, o ruído e a agitação impressionarem as entidades subdesenvolvidas que ainda não têm qualquer conceção do que um Ego consciente de si pode ser. Seria inútil descrever a chegada e receção de dois ou três seres que passaram para a vida espiritual nessa catástrofe; o mesmo se aplicaria a qualquer desastre terrível que trouxesse a morte a muitos.

As experiências da Morte para cada um aplicam-se simplesmente às suas condições, ao seu estágio de crescimento, à sua ação vibratória e ao seu poder de consciência enquanto ser humano.

Alguns encontraram estados exaltados e ambientes belíssimos; outros gravitaram para sanatórios e escolas para serem ensinados e curados; alguns chegaram a lares agradáveis, mais ou menos prontos para os receber, onde puderam trabalhar e completar o que carecia de atenção na sua vida e habitação; outros juntaram-se em grupos e mantiveram contacto com a Terra e com antigos conhecidos; outros ainda entraram na penumbra e em condições que representavam inquietude, infelicidade, desilusão e desventura, mas todos receberam exatamente aquilo que lhes pertencia e para onde naturalmente gravitavam.

Nem todos os espíritos têm o poder de regressar à Terra para tomarem plena consciência dos seus parentes ou amigos neste plano. Alguns habitantes das esferas espirituais podem ter tido pessoas queridas nessa catástrofe e, no entanto, não ter sabido de tal facto. Os espíritos podem, ao deixar a Terra e as suas condições, não ter desejo ou inclinação de a ela regressar e, assim, podem estar muito longe, pelo menos em termos de consciência.

Investigadores poderão perguntar-se por que razão um certo amigo não lhes dá notícias do outro lado. É possível que o amigo, de facto, tenha ido muito além deste plano e das suas condições; ou que não consiga conectar-se com as linhas e forças de qualquer médium visitado, não podendo, por isso, dar prova da sua presença e identidade. Enquanto milhões de inteligências espirituais se dedicam ao trabalho e às revelações do Espiritualismo, milhões mais são-lhe indiferentes ou nada sabem dos seus poderes.

Aqueles que o amam trabalharão de manhã à noite para chegar aos mortais com ajuda e alento; os que lhe são indiferentes não sentirão qualquer atração por este plano de existência, e um certo amigo que procuramos pode ter-se deslocado para tão longe na esfera do pensamento e da sensibilidade que já não tenha qualquer ligação com este planeta e os seus interesses físicos.

A Morte traz o seu cabedal de conhecimento, os seus planos de atividade a cada ser, e cabe ao indivíduo decidir se progride ou não de imediato. Eventualmente, todos terão de avançar, dominar as lições, subir os degraus e prosseguir para estados cada vez mais elevados de poder e conhecimento; mas a própria Morte é uma função no grande esquema e corpo do universo, um fator no progresso do mundo ao qual ninguém pode escapar.

Cumpre, portanto, ao homem aprender tudo o que for possível sobre a sua natureza e objetivo e viver de forma a poder receber inteligentemente a sua

chegada, pelo bem que ela pode trazer ao restaurar energias gastas e recuperar forças que promovem a elevação e o poder espiritual.

MORTE E ALÉM

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

A grande mudança chamada Morte tem sido objeto de inquirição e de inquietação para as mentes humanas desde a alvorada do pensamento inteligente. O camponês e o aristocrata, o ignorante e o instruído, o humilde e o altivo, todos tremeram perante os seus imensos enigmas; poucos foram tão mentalmente serenos ou sábios ao ponto de encarar calmamente a sua aproximação; contudo, esta mudança é natural, bela e está ao serviço da vida progressiva.

A Natureza decretou que o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento e a decadência sejam o processo de evolução no planeta. O homem foi dotado de uma constituição e de um organismo capazes de gerar força mental e impulso espiritual, de forma a equipá-lo para uma viagem contínua através das gradações da vida, de plano em plano, e a Morte não é mais do que a mão amiga que abre uma nova porta para os seus passos ascendentes. Nada há a temer deste visitante, a menos que se tenha vivido uma vida de pecado e vergonha voluntários e, mesmo nesse caso, a Morte acabará por se revelar o melhor libertador possível das suas condições de miséria.

O moribundo não sofre; dor e angústia, tristeza e miséria, certamente já as conheceu antes da última hora; mas tudo isso passou, e o simples ato de morrer não é mais doloroso para o espírito médio do que o ato de adormecer. A mente humana concebeu medos para o moribundo, imaginou que se sofre grandemente quando o cordão é desprendido. Aqueles que foram reanimados depois de a respiração quase ter cessado, e os espíritos que podem relatar as suas experiências ao passar efetivamente pela morte, contam todos a mesma história: que a Morte não é nada que se deva temer.

O espírito preso à Terra, ao passar do seu corpo físico, pode ou não estar consciente da sua condição no momento, mas, regra geral, é-lhe indiferente, pois as forças mentais estão embotadas nessa hora. O ser progressivo, no seu momento de transição, pode ou não estar atento ao facto de que o instante decisivo chegou. A sua natureza espiritual encontra-se num estado de exaltação e está acima de qualquer sofrimento ou medo.

Quando qualquer destes grupos se liberta do físico e atinge um estado normal de perceção e compreensão dos ambientes e condições, já iniciou a

sua jornada espiritual e, esteja na luz ou na sombra, a ideia da Morte como mera sensação ou como processo de transporte não tem qualquer importância na sua mente.

Eu, Espírito, personalidade consciente enquanto estive na Terra, alguém cujos dias se enchiam de pensamentos sobre importantes medidas a levar a cabo para a melhoria da humanidade pelas almas sinceras que cooperassem, cada qual à sua humilde maneira para o bem de todos — eu, John Pierpont, estudante, professor, ministro unitário, pregador da causa da temperança e abstinência total, voz que trovejou contra a escravatura humana e em defesa do abolicionismo, tanto do púlpito como pela imprensa; durante muitos anos, espiritualista convicto, orgulhoso de ter o meu nome inscrito entre os pregadores desta nossa gloriosa filosofia, dou agora estas declarações ao mundo sobre a Morte, como parte da grande autoridade da experiência humana do lado espiritual da vida.

Não menciono a minha carreira terrena num tom vaidoso. Quem esteve entre os trabalhadores da esfera espiritual durante quarenta anos não tem vontade de se vangloriar ou de se enaltecer por qualquer papel que tenha tido em acontecimentos efémeros; está consciente da sua pequenez à luz das grandes medidas e feitos admiráveis de milhões de almas que avançaram ao longo das eras e continuam a trabalhar incessantemente pelo bem humano; mas esta referência ao facto de ter sido um dos muitos obreiros no mundo serve para dar um elemento de personalidade à minha declaração sobre a experiência da morte, pois tal elemento é mais capaz de afastar a nebulosidade do assunto do que qualquer referência genérica a uma sensação universal.

Eu, Espírito, permaneci no corpo físico dos Pierpont durante mais de oitenta anos, mais de setenta dos quais dedicados a profundo pensamento, pois mesmo em criança a mente se inclinava para os temas que, mais tarde, com maior maturidade, prenderiam a minha atenção.

Resumidamente, já mencionei através deste médium, no passado, a minha sensação ao deixar o corpo idoso e, neste livro, quero reafirmar que foi uma sensação de prazer e de infinita serenidade. Os meus entes queridos encontraram o corpo frio na morte, como alguém que adormeceu, e assim tinha sido para mim. Saí para a atmosfera espiritual durante o sono, e o cordão magnético tornara-se tão ténue que já não tinha força suficiente para atrair o ser real de volta à plena posse do corpo. Mas eu não estava inconsciente nem ausente; estava ali para registar a sensação e observar os belos processos da Morte. A vida pulsava dentro de mim, sem a menor intenção de se extinguir.

Sabia que estava no meu aposento agradável, que o corpo repousava silenciosamente na poltrona favorita, que chegara a hora da sua transformação. Notei que o ar parecia maravilhosamente suave e perfumado, muito mais do que a própria atmosfera física permitiria; que estava carregado de matizes gloriosos de cor perfeita; que vagas sobre vagas de luz belíssima se agitavam à minha volta, sustentando-me, por assim dizer, em ondas etéreas.

Observei, com interesse, que as minhas mais altas conceções de beleza se realizavam nessas pulsações de cor e luz; que os meus sonhos mais caros de música encontravam realização nas melodias subtis, delicadas e de uma doçura arrebatadora que me invadiam a consciência; que as minhas esperanças mais puras de reencontro com almas amadas estavam prestes a concretizar-se ao vislumbrar os rostos alegres de entes queridos conhecidos que me fitavam das vagas de luz.

Por um tempo — terá sido um momento, uma hora ou mais? — quem poderá definir o tempo para um espírito consciente que não se importa com a passagem dos minutos enquanto observa os maravilhosos processos da natureza no nascimento do espírito a partir da argila? — a minha atenção ficou presa ao cordão magnético que ainda me ligava ao outro corpo, pois agora possuía um corpo espiritual, semelhante de certo modo ao que deixara, mas mais forte, mais leve na sensação de peso, mais jovem e mais confortável.

O fino cordão já não tinha poder de se contrair em direção ao mortal, parecia-me um fio de luz, e senti intuitivamente que tudo o que restava dele era o elemento etéreo que realmente pertencia à minha cobertura espiritual. Esse fio pareceu, então, ganhar vida, pois começou a cintilar e a pulsar na minha direção, como com poder vibrante, até que, dessa ação enérgica, se desprendeu da forma física, contraiu-se até se tornar apenas uma bola de luz e foi absorvido no meu corpo recém-envergado.

O processo da Morte estava então concluído, e eu estava liberto do estado mortal, no que dizia respeito àquele velho corpo, para sempre. Desde essa experiência tão marcante, estudei este processo de dissolução como um aluno atento e aprendi que o cordão magnético que liga o espírito ao corpo físico, e de que o Espiritualismo tantas vezes falou, é o equivalente do cordão umbilical que une mãe e filho no útero, durante o processo de gestação. Quando a criança é libertada do ventre, o cordão é cortado pela parteira e, com o tempo, tudo o que lhe pertence é descartado, pois já cumpriu o seu propósito no grande laboratório da natureza.

Assim, o cordão magnético une o espírito ao corpo durante os processos de formação de um corpo para uso da inteligência quando esta emerge da

matriz ou estrutura física. Na hora da morte, o cordão fica tão enfraquecido, no caso da velhice ou doença prolongada, ou tão abalado na sua ação vibratória, no caso de rutura violenta, que fica praticamente cortado, e tudo o que é necessário é que as pulsações do espírito completem o trabalho.

As características, o grau de desenvolvimento e o nível de atividade espiritual do indivíduo afetam a densidade ou leveza do cordão e determinam também o tempo necessário para o separar da forma exterior e libertar o espírito; alguns, que sejam densos no pensamento, lentos na ação vibratória, embotados na sensibilidade moral ou indiferentes às necessidades e ao crescimento da natureza espiritual, demorarão muito a libertar-se e precisarão mesmo da ajuda do magnetismo humano e da força de vontade para efetuar a libertação antes de o corpo se decompor.

Além do seu valor sanitário — para a saúde das pessoas na Terra — o processo de incineração do corpo físico é de recomendar em benefício do espírito, pois este ficará preso, em maior ou menor grau, até que o cordão magnético seja consumido.

Podem bastar apenas alguns momentos, ou, na maioria dos casos, no máximo uma ou duas horas até que a inteligência seja libertada, mas podem passar-se dias ou até mais tempo antes que a separação se complete, e muitos casos de enterro prematuro ocorreram porque o espírito não estava livre do corpo antes do sepultamento.

A cremação liberta o espírito ao libertar todos os elementos que pertencem ao corpo espiritual e ao consumir tudo o que é da Terra. A cremação não causa sofrimento ao espírito, pois este estará em estados psicológicos de consciência suficientes para ultrapassar qualquer sensação física, mesmo que pertença à classe dos presos à Terra.

Convém esclarecer que nenhum espírito preso à Terra sentiria qualquer sensação de apetite físico ou poderia satisfazer paixões carnais duradouras se não fosse pelo seu poder psíquico positivo, que lhe permite aproximar-se de mortais fracos nas mesmas inclinações e, através dos seus canais de sensação, intensificados pelo seu domínio ou influência ardente, satisfazer os seus desejos e gostos; mas no caso da cremação do corpo físico, o espírito não está preso a nenhum corpo sensível que esteja a passar pelas chamas, não havendo, portanto, qualquer via de sensação para ele nessa experiência, nem qualquer elemento de sofrimento; pelo contrário, se houvesse ainda algum resquício de vida na estrutura física, o primeiro sopro do forno extingui-lo-ia, libertando imediatamente o espírito — um destino muito mais feliz do que estar preso a uma forma encerrada e enterrada a mais de dois metros de terra.

Quanto à minha própria experiência depois de me separar da forma terrena, basta dizer que fui imediatamente acolhido num mundo mais grandioso, uma morada real e substancial de beleza e conforto, um lugar de hospitalidade e doce convivência, uma comunidade de companheirismo e harmonia, uma atmosfera de refinamento e paz, um país de estudantes, filósofos, sábios, trabalhadores intelectuais, criadores de lares ideais, instrutores e, em todos os aspetos essenciais, uma terra de puro e prático deleite.

Este é o Planeta Espírito ligado pelo cordão magnético dos elementos planetários a este orbe físico chamado Terra. Nele, e em zonas ou cintos etéreos circundantes de Vida sensível, existem lares, colégios, sanatórios, templos e toda a substância e forma de estruturas que a mente utilitária possa conceber ou utilizar.

Poderíamos descrever a partida de grandes almas, como a de Lincoln, por exemplo, embora ele tenha partido antes deste narrador; ou como a de qualquer dos verdadeiros trabalhadores ou líderes do mundo, mas embora cada uma varie em algum grau de consciência e experiência pessoal, todas essas descrições seriam apenas repetições da glória de uma alegria inefável, da sensação elevada de um privilégio alcançado, da consciência indescritível de uma promoção a níveis mais altos e ilimitados de experiência, oportunidade e poder de realização.

Prefiramos antes retratar a partida de alguém desconhecido da fama ou de qualquer pessoa fora do círculo da sua convivência e amizade limitadas, e declarar que este é um exemplo de incontáveis casos semelhantes de quem passa da Terra ao Céu. Escolheremos uma mãe, uma entre milhões, cuja devoção ao dever e abnegação pelo conforto da família purificaram a sua natureza e despertaram as suas atividades espirituais; alguém cujo instinto materno e afeto pelos seus próprios filhos alargaram tanto as suas simpatias que a tornaram generosa em pensamento e ação para com outros fora do seu lar.

Uma mãe que sofreu até à aproximação da morte nas dores do parto e noutras circunstâncias, que suportou mentalmente as preocupações do mundo no peso da ansiedade e do trabalho por si e pelos outros. Há muitas assim, e elas conquistaram a vitória da vida e da felicidade espiritual, e, quer na Terra tenham sido instruídas ou ignorantes, humildes ou de linhagem real, as mães fiéis encontram do lado imortal a beleza do ambiente, tesouros de valor imperecível, a alegria da convivência e da amizade, a posse da realidade e do esplendor.

Claro que nem todas estarão exatamente no mesmo grau ou com o mesmo aspeto, e por vezes as mais humildes da Terra estão adiantadas em relação

à antiga aristocrata, mas todas as mães que fizeram o melhor de acordo com as suas possibilidades e luz são honradas nos mundos espirituais. A mãe que abandona voluntariamente os filhos e se revolta com o seu nascimento não é digna nem está preparada para as doces funções da maternidade; os seus filhos nascem apenas sob as condições de gestação e expressão física; não lhe pertencem, nem ela ascende em poder e beleza espiritual ao passar do corpo, pois permanece obscurecida e retida por muito tempo nos ambientes de um estado não desenvolvido.

A mãe que agora escolhemos como exemplo é conhecida por nós. Assistimos à sua partida da forma terrena. Era uma trabalhadora da classe média que teve de lutar bastante para criar devidamente os filhos em condições de conforto físico e de formação mental. Suportou muitas doenças, sofreu muito, trabalhou constantemente, foi generosa, solidária e fiel em muitas coisas; de facto, “fez o que pôde”.

A sua última doença foi de sofrimento doloroso, durando meses, mas acabou por ser libertada do corpo. Nas suas últimas horas, pareceu alheia às condições terrenas e permaneceu num estado de semi-letargia, durante o qual as suas perceções espirituais se abriam para as belezas do mundo imortal; sabia que estava a partir, mas não se sentia perturbada por isso.

Percebeu que os filhos ficariam órfãos de mãe, mas sentiu intuitivamente que não os perderia de vista; que poderia estar com eles onde quer que estivessem e que, um dia, se reuniriam no Grande Além. As perceções eram, para ela, mais do que mera visão e som, embora belas tonalidades de cor, suaves e atraentes, ondulassem à sua volta; embora doces acordes de música chegassem ao seu ouvido interior; embora efeitos atmosféricos de suavidade e luz maravilhosas a envolvessem.

Para ela, naquele momento, a perceção constituía conhecimento; a intuição dava-lhe compreensão, e sentia já que as suas antigas limitações se transformavam em liberdade e poder; que a ignorância contra a qual lutara tantas vezes, e muitas vezes sem sucesso, se transformaria gradualmente em iluminação; que a oportunidade de expansão mental e crescimento espiritual estava a chegar; e assim, nesses momentos em que os que a assistiam julgavam que ela sofria e que morrer devia ser terrível para alguém com tantas preocupações para deixar para trás, ela já estava além das condições de ansiedade e miséria — dessas já tivera bastante no passado.

Bebeu profundamente do cálice da amargura. No futuro, quando, como espírito ascendido, observasse os erros e falhas dos seus queridos na Terra, poderia sentir uma sombra de ansiedade e dor espirituais, mas isso seria suavizado pela luz da compreensão e pela certeza de que,

eventualmente, cada um teria de ultrapassar as condições adquiridas e encontrar o seu próprio caminho.

Agora, na hora da transição, está confortável e feliz. Sabe mais nesta nova luz do que jamais imaginou. Está consciente das suas grandes possibilidades, de capacidades que nunca tiveram oportunidade de plena expressão. Está a desprender-se do corpo; o cordão de prata afrouxa; a forma terrena perde força; o corpo espiritual está a formar-se para a mudança.

Um vapor nacarado passa gradualmente do corpo; como uma névoa ligeira, junta-se à sua volta e sobe. Agora a emanação aumenta em volume e força vibrante, saindo pela cabeça. Condensa-se acima do corpo, assumindo gradualmente a forma humana, até que, finalmente, uma completa semelhança da mulher na cama flutua acima.

Resta apenas uma leve ligação pelo cordão prateado, agora muito fino e frágil. Para os que observam, parece que a respiração cessou, mas o trabalho continua até que o cordão se solte completamente e, nos seus elementos etéreos, seja absorvido pelo corpo espiritual. Ela está consciente e feliz; nada a perturba. Goza do descanso de que precisa e que nunca tivera.

Agora vê rostos amáveis, formas encantadoras à sua volta; sorriem e brilham. Reconhece-os: os pais, que passaram por vales de tribulação terrena; dois filhos queridos que partiram em tenra idade; uma irmã amada que a precedeu na terra dos imortais; amigos queridos e um professor que amava e respeitava quando era criança. Todos lhe dão as boas-vindas alegres, mas não a cansam; transmitem-lhe a paz do descanso, o conforto da apreciação, a doce bênção da expressão do amor.

É agora conduzida a um lar luminoso e acolhedor; é seu, pois construiu-o com o trabalho do espírito, fornecendo o material a partir das emanações magnéticas e dos elementos etéreos dos seus bons pensamentos e ações. Outros também contribuíram para o completar e embelezar. Virão e irão à vontade como queridos habitantes da sua casa. Nunca estará sozinha, a menos que assim o deseje. A companhia é completa e bela nesse mundo de sentido e atividade consciente.

Quem poderá descrever essa bela casa e os seus cenários naturais envolventes? Nenhuma frase terrena pode fazer justiça ao seu conforto e beleza. Na Terra, amava a beleza: as paisagens, as montanhas, o céu e a água eram-lhe todos atraentes e reconfortantes para a alma; aqui, estão diante dela, mais belos do que as criações físicas semelhantes. Sempre desejara uma casa bonita, moldada ao seu gosto e sentido de conforto, e

aqui está ela, mais atraente do que qualquer que tivesse imaginado. Sempre quisera frequentar escolas onde se ensinassem as áreas mais elevadas do saber, e aqui estão, grandiosas e convidativas, com instrutores sábios e de trato gentil — e isto é o lar.

Na Terra, amava flores e plantas, cultivara algumas com dificuldade e acarinhava-as, mas nunca pôde satisfazer plenamente esse desejo; aqui, estão em esplendor, com flores maravilhosas, cores deslumbrantes, fragrâncias que estufas e jardins nunca conheceram, e cedo aprende que pode cuidar delas, cultivá-las com deleite, sem a fadiga da jardinagem terrena, pois alimentam-se de magnetismo humano e nutrem-se do amor humano.

Assim a deixamos, no início da sua carreira imortal, com todas as oportunidades e vantagens para o progresso e a felicidade. Certamente, regressará em breve à sua família na Terra, velará por eles, procurará dar a cada um ajuda e força, mas isso será parte essencial do seu trabalho e missão e, em si, contribuirá para o seu crescimento e bênção espirituais.

Outra mãe, que conhecemos, viveu toda a vida mortal numa grande quinta, trabalhou de madrugada à noite, sempre cansada, nunca em descanso; conheceu de perto a labuta da vida rural, as suas dificuldades e privações, ao ponto de desejar uma mudança, de querer viver entre pessoas da cidade, onde pudesse ter acesso a escolas, concertos e outras vantagens. Também ela parte da Terra, exausta da rotina incessante. Parte serenamente, sai inesperadamente, sem dor. Encontra-se entre amigos que a recebem.

A sensação é de satisfação, até de novidade. É conduzida a uma casa bonita numa cidade imaculada. As construções são brancas e brilhantes; os parques são belos; não há sinal de pastagem ou vida agrícola. Existem institutos de ensino, templos de música; interessa-se e encanta-se. Uma parte da sua natureza mental, que estava faminta, está agora a ser alimentada. Adapta-se às novas condições e sente que está no seu próprio meio, entre os seus iguais, e começa a aproveitar as suas vantagens. Não esquece os entes queridos que deixou na Terra e pode visitá-los. Dá-lhes a sua influência e inspira-lhes pensamentos construtivos.

Faz por eles, com amor e consciência, o melhor que pode, mas chegou à sua herança e delicia-se com ela. Sempre desejou formação mental que a tornasse uma artesã proficiente em sentido construtivo, e aqui tem todos os incentivos para cultivar essa aptidão e todas as oportunidades para aprender e praticar — e assim a deixamos, feliz nos seus planos e carreira.

Outro espírito pode ter sido chamado, quando na Terra, para algum campo de trabalho por necessidade ou por alguma força externa a si; a sua inclinação era para o estudo da arquitetura, as suas possibilidades e desenhos atraíam-no, mas nunca teve oportunidade de a estudar ou praticar. Após a morte, é atraído para um mundo de maravilhosos projetos, uma esfera de arquitetura mais bela do que qualquer que a Terra possa oferecer. Os antigos mestres da arte que já partiram estão lá.

Eles deram expressão externa aos seus ideais de construção nessa área. Edifícios de proporções nobres atraem-no; estruturas de perfeita harmonia em cada detalhe encantam-no. Aqui, ele pode trabalhar, desenvolver as propensões interiores e os talentos do seu ser, e dar vazão àquela parte da sua individualidade que ficou atrofiada por falta de oportunidade — e ele é feliz e sente-se em casa.

Estão lá médicos; aqueles que foram da profissão médica na Terra, se tinham verdadeira vocação para essa chamada e não eram apenas produto de estudo livresco e prática experimental; personalidades magnéticas que levavam luz e ânimo ao paciente e ao lar; outros que não foram médicos na Terra, mas que realmente pertenciam à linha do trabalho de cura. Têm muito que fazer nessas outras esferas. Há almas enfermas pelo pecado a serem encorajadas, a serem tratadas com magnetismo e pela influência de quem cuida. Precisam dos serviços compassivos de um médico que compreenda os seus males e necessidades. Os métodos desses médicos não são muito semelhantes aos da Terra, mas tratam cada caso de acordo com as suas exigências e condições.

Corpos espirituais deformados podem começar o trabalho ativo de eliminar os elementos mais grosseiros e absorver as forças mais finas para a construção de condições mais benéficas e para o embelezamento da forma e dos traços, com a ajuda de médicos e do magnetismo. Médicos nos mundos superiores estão também ocupados em visitar hospitais da Terra e locais onde a doença abunda, ministrando aos doentes e aflitos; também em retirar do corpo os irremediavelmente doentes, libertando-os das suas estruturas debilitadas e desgastadas.

Há sanatórios de beleza onde espíritos desvitalizados podem obter o estímulo necessário ao desenvolvimento e ao alívio. Cirurgiões que, na Terra, eram naturalmente atraídos por essa vertente da profissão, estão lá, mas não trabalham com bisturi e escalpelo sobre espíritos; ocupam-se aqui em contacto com praticantes progressistas, ajudando-os a encontrar os métodos mais elevados ou avançados para auxílio cirúrgico a corpos feridos ou aflitos, e, melhor ainda, ajudando-os no estudo de como criar condições para que, no futuro, a humanidade não tenha necessidade de recorrer à

cirurgia. Todos são seres benéficos e sentem prazer em servir almas necessitadas em qualquer esfera; também estudam tudo o que a ciência tem para revelar em benefício do corpo e do espírito da humanidade. Assim como há, na Terra, certas pessoas cujo cérebro pode adoecer ao ponto de a mente não conseguir manifestar as suas funções de forma sã, ficando o indivíduo sob os cuidados de especialistas em doenças cerebrais, também há espíritos tão debilitados na força da alma que não conseguem expressar a sua individualidade.

As suas funções mentais são incapazes de ação. Não são produto de condições de vida nas esferas, mas resultado de maus-tratos, por assim dizer, na Terra; estes ficam ao cuidado de médicos espirituais que sabem aplicar exatamente o tipo certo de cura mental, sugestão e magnetismo, para os iniciar no caminho da verdadeira saúde espiritual.

E assim acontece com a maioria dos seres humanos; chegam ao início da subida em tudo o que lhes interessa e atrai, quando o cordão de prata se solta e a morte sobrevém. Há emprego para todos; o trabalho não é penoso — tal como a experimentação escolar para a criança, o labor para o adulto é prazer — aprender a fazer coisas interessantes, realizar belos projetos, resolver problemas fascinantes, estudar a ciência nas suas várias áreas de saber maravilhoso, educar crianças, cultivar flores e plantas com métodos mais elevados do que os da Terra, e executar inúmeras tarefas, afins, atraentes e úteis.

Um Edison, e todos os que, como ele, se sintam chamados para essas áreas, encontrarão infinitas vias para experimentar com as forças da natureza. Um Burbank, e todos os que, como ele, se interessem profundamente pela hibridação, terão oportunidades e facilidades maravilhosas para experiências com a vida vegetal “do Outro Lado”. Um Crookes, e todos os que, como ele, sigam o estudo científico para esclarecer grandes questões em prol do conforto e prazer finais da humanidade, encontrarão aberturas extraordinárias para investigação na “Terra dos Bem-aventurados”.

Existem Congressos Espirituais onde homens e mulheres, revestidos de esplendor mental, munidos das forças da sabedoria e da penetração espiritual, aconselham-se mutuamente para o bem do homem, e não para vantagem de classe ou seita. Há formas de governo, mas do tipo mais simples; apenas o exercício das forças de harmonia e paz para benefício de todos. Os líderes são escolhidos pelo povo pela sua penetração espiritual e aptidão para guiar e planear. Naturalmente, os habitantes dos planos de harmonia e amor não necessitam de controlo especial. As leis não são necessárias para garantir o seu bom comportamento, mas mesmo eles

apreciam a sabedoria, o conselho e o ensino do Congresso Espiritual, e também se dispõem a nomear professores e guias para promover a educação e tudo o que contribui para o bem comum. Essas almas sábias estão igualmente aptas a exercer um poder psicológico benéfico sobre os mais necessitados em mundos inferiores, a implementar um sistema de contenção sobre eles, a ajudar os cuidadores e guias que voluntariamente se dedicam a servir esses sofredores ou desviados, e a forma geral de governo na vida espiritual é sempre tal que mantém a paz, a educação e o progresso universais.

No Planeta Espírito existe um Congresso Espiritual que trata dos assuntos gerais dos habitantes desse planeta, e como a fraseologia mortal oferece tão pouca facilidade para uma descrição eficaz das suas características e métodos, não tentaremos retratá-los. Ocupam-se de outros mundos e das comunicações recebidas deles, para além desta esfera planetária, bem como dos assuntos mundanos do seu próprio plano, e os mensageiros desse Congresso para o nosso povo trazem revelações e sugestões que dizem respeito à preparação para uma promoção final a outros mundos, sendo de importância para todos.

Mas o Planeta Espírito tem também outros órgãos que se podem chamar Congressos Espirituais; há um, composto por homens e mulheres de visão alargada em questões legislativas e de interesse humanitário para o povo desta nação americana do planeta Terra. Este grupo de inteligências exerce influência sobre os assuntos nacionais deste país. Interessa-se pelas questões de progresso humano, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, e reúne-se com congressos sábios de inteligências espirituais que supervisionam outras nações, com o objetivo de utilizar o pensamento e a força magnética para o bem último de todos.

A projeção do pensamento humano em mentes recetivas na Terra, em posições de destaque, é parte do trabalho dessas reuniões espirituais. A abolição da escravatura neste país surgiu como um impulso de força mental a partir desse centro, tal como muitas outras medidas realizadas na Terra para o avanço do humanitarismo.

Em última análise, o poder dessas congregações, com a força propulsora que exercem e a influência das suas legiões de adeptos, bastará para projetar o esquema universal de paz nas nações da Terra, com tal plano e vigor, que o objetivo será alcançado em harmonia por todos os “poderes constituídos”, no trono e no parlamento, como um só povo unido.

Então o planeta Terra tornar-se-á belo, desenvolver-se-á em força abundante para sustentar uma humanidade emancipada; então a sociedade começará a ver e a agir de acordo com o seu dever para com os seus

tutelados e encargos, procurando prepará-los para a escola e para o estado — em vez de os deixar vaguear livremente até se tornarem, por fim, habitantes de cela e masmorra. As grandes forças mentais e espirituais do universo trabalham de forma inteligente e com propósito, através de uma humanidade ascendente, em grupos e centros, como indivíduos e comunidades, para a construção de um estado feliz para toda a humanidade, e não cessarão os seus labores até que cada alma neste plano terreno esteja livre da escravidão da carência, do pecado, da miséria, da opressão e da perseguição, sob qualquer forma, e elevada a um plano de harmonia e conforto que a faça funcionar num nível de consciência que promove o progresso eterno e a utilidade perpétua.

A morte abre a porta da limitação e dá liberdade ao espírito ascendente. O pássaro que bate as asas contra as grades da sua gaiola estreita não é mais cativo do que o espírito humano confinado na privação e na dor, e o ser imortal não deveria temer mais a morte do que o cantor teme a mão suave que abre a porta e o deixa voar para os campos floridos e florestas ondulantes, para construir o seu próprio ninho e viver a natureza que pulsa no seu ser.

É verdade que séculos de ensinamentos errados, de apreensão, de medo supersticioso, juntamente com aquele instinto de apego ao exterior que a Natureza implantou para preservar a raça no plano terreno, levam o homem a recuar diante da morte e a temer a sua aproximação, e, no estado natural, isto é sensato, caso contrário os seres humanos poderiam tender a apressar a sua morte por um ou outro meio. O animal também recua diante da morte; é a aproximação do Desconhecido. Os instintos animais agarram-se ao visível, ao familiar; isto é a Natureza física a pulsar e a exigir o que é seu, e é natural; mas, apesar de tudo, quando o homem se liberta da influência dos séculos e aprende sobre a Morte que as suas funções são benignas, elevadoras, instrutivas e, em todos os sentidos, para o seu bem progressivo, ela perderá a sua amargura e o seu aguilhão.

O SONO, AS SUAS RELAÇÕES COM O ESPÍRITO

O MISTERIOSO REINO DO ADORMECIMENTO

Poucas mentes prestaram grande atenção às verdadeiras funções e significado do sono humano. A investigação científica, em geral, tem-se mantido na linha da investigação no domínio da lei física, mas, embora se reconheça que as funções do sono operam segundo essa lei natural, não se dá especial atenção às suas atividades além de as definir como o trabalho da Natureza em reparar o corpo e reabastecê-lo com forças para as

exigências que as tarefas e obrigações do dia lhe impõem; no entanto, o sono tem um lado psicológico assim como um material.

As forças espirituais estão em ação quando o mortal dorme. Ultimamente, alguns pensadores têm dado atenção a este assunto. O Dr. John Bigelow, de Boston, escreveu há alguns anos um livro intitulado *O Mistério do Sono*, no qual avançou a ideia de que, enquanto os seres humanos estão na condição a que o mundo chama sono normal, na realidade estão a funcionar noutros planos de atividade e a reunir força mental e experiência para uso futuro.

Há muito que os nossos amigos e mestres espirituais nos informaram de que o homem na Terra vive uma vida dupla, que muito do seu melhor crescimento é adquirido e a sua experiência mais vasta formada enquanto, em espírito, explora outras esferas ou frequenta outras escolas e demonstrações de poder e utilidade, durante as horas do seu sono mortal.

Há dez anos, o Espírito Nannie relatava-nos frequentemente experiências interessantes que membros da nossa casa tinham nas suas visitas "noturnas" a outros reinos; alguns fragmentos destes podíamos recordar com clareza, embora muitos dos relatos nos fossem novos, mas nunca deixavam de lançar nova luz sobre as nossas experiências mortais e sobre algumas das condições mediúnicas que tínhamos vivido.

Os nossos mestres ensinaram-nos que muitos indivíduos são de tal modo constituídos que, quando o corpo baixa suficientemente a sua ação vibratória para entrar no sono, o sentido espiritual é despertado e fica num estado de consciência ativa. Nessas alturas, o verdadeiro homem ou mulher, ou criança, afasta-se do contacto direto com a forma física e entra em estados e ambientes do outro mundo.

Alguns misturam-se com os seus amigos de lá e desfrutam dessas visitas; outros frequentam escolas onde recebem instrução em áreas que os ajudarão a prosseguir com os seus afazeres diários na Terra, ou que os equiparão espiritualmente para que, quando se separarem para sempre do corpo terreno, possam ocupar o seu lugar entre outras almas em progresso, em reinos mais elevados.

Alguns, especialmente os naturalmente intuitivos e os médiuns adormecidos, auxiliam os seus guias espirituais em trabalhos para a melhoria da humanidade, e alguns conseguem até ocupar lugar noutras esferas entre experimentadores e demonstradores científicos, tornando-se proficientes nesse trabalho e, assim, acelerando os poderes da própria alma com a mesma força vibratória que, mais tarde, na Terra, lhes permitirá descobrir alguma nova força da natureza, ou um funcionamento até então

desconhecido de uma lei física imponente, ou demonstrar, de forma útil, as maravilhas da eletricidade, ou inventar alguma máquina prodigiosa, ou ainda desenvolver gradualmente algum plano humanitário para benefício do mundo.

Todo o génio, seja no campo da música ou noutras áreas da arte, da mecânica, ou em qualquer ramo de realização magistral, é alguém que, durante o sono, se desprende suficientemente do mortal, ficando ligado a ele apenas por um cordão tenuíssimo, e vagueia pelos vastos reinos da consciência e da atividade espirituais, onde recolhe força e inspiração, através do contacto direto com as grandes mentes das eras, para o seu trabalho diário ou futuro de poder extraordinário.

Mas milhões de pessoas que não são animadas pela centelha do génio, que levam calmamente a cabo as suas tarefas quotidianas, partem da Terra à noite, quando o sono suave acalma o corpo cansado e embala os sentidos exteriores no repouso, e misturam-se com os cenários e companhias de esferas e mundos que têm capacidade de alcançar.

Muitos elevam-se muito mais alto do que conseguiriam alcançar na Terra; isto é, as suas aspirações, forças espirituais e vibrações projetam-nos psiquicamente em contacto com companhias muito mais sublimes, oportunidades para ganhar conhecimento e poder, e cenários mais nobres do que aqueles que podem alcançar no lado mortal, devido às limitações materiais e circunstâncias deste plano inferior.

Outros, que têm boas posses aqui e muito conhecimento das coisas terrenas, podem não conseguir atuar em planos espirituais elevados durante o sono normal; o cordão magnético é demasiado espesso para permitir grande expansão e apenas se afastam um pouco, entrando numa “terra de nevoeiro” onde os sonhos são fantásticos e irreais.

A função e o propósito do sono são duplos: por um lado, dar descanso e silêncio, por assim dizer, às atividades físicas, ou suspender temporariamente as suas funções para que a “máquina” não se mantenha sob tensão excessiva por longos períodos; por outro, oferecer à natureza espiritual ou psíquica oportunidades de renovação e trabalho adequado ao seu crescimento e expansão.

Durante o sono, há uma mudança de poder e de atividade funcional, passando do essencialmente material ao psíquico. As operações do corpo não são suspensas, apenas diminuem a sua força vibratória; coração, pulmões e cérebro mantêm a sua ação normal, mas já não têm o controlo do espírito. Este é libertado, em parte, por um tempo, e parte para outros afazeres que não o de servir de sentinela ou de estímulo para o corpo.

Os sonhos são feitos de matéria curiosa; podem ser tão leves como o ar ou tão substanciais como o mais denso dos materiais. Alguns dos mais leves, que escapam à nossa recordação em estado de vigília, são tecidos de elementos espirituais e têm sido profundamente influentes nas nossas ações e impulsos durante o dia.

Inspirações vindas desses sonhos deram ao mundo alguns dos pensamentos mais elevados e das produções mais grandiosas. Raramente conseguimos trazer de volta para a Terra qualquer parte da experiência adquirida durante o sono, porque a ação vibratória do plano em que funcionamos quando libertos do corpo é completamente diferente daquela em que operamos acordados; existe um fosso entre os dois estados.

A passagem do mais alto ao mais baixo é uma mudança tremenda, uma descida que nos obriga a largar aquilo que nos prendia ao estado interior, e não conseguimos registar no cérebro mortal as sensações e impressões mentais, ou as memórias das nossas experiências noturnas, que, no mundo de trabalho diário, seriam lembranças do que vivemos. No entanto, a memória não é tão inoperante que nós, como espíritos, não possamos ter consciência e beneficiar das experiências que tivemos, das lições aprendidas nas nossas visitas e aprendizagens noutro lugar.

Refletindo no nosso trabalho de anos, manifestando-se nos nossos fluxos de pensamento, experimentação, atividades morais e espirituais, esta experiência está a cumprir o seu papel, e estamos, ao longo do tempo, a tornar-nos mais aptos para a esfera e o lugar que iremos ocupar quando a Morte reclamar a forma exterior, graças às funções e propriedades do sono que aproveitámos ao longo dos anos.

É desnecessário dizer que aqueles que pertencem totalmente à Terra não podem, em sono, elevar-se mais do que são capazes de alcançar pela sua própria vontade quando libertos do corpo, mas é também de notar que muitos que vivem mergulhados em condições penosas, e mesmo nos bairros degradados, são capazes de aspirar a coisas melhores e, durante o sono, podem ser levados a cenários mais belos e escolas mais elevadas, nas quais ganham o impulso para a sua redenção e libertação futura.

A mãe amorosa, esteja onde estiver — numa cabana, num casebre ou numa bela casa —, a mãe terna que perdeu os seus queridos na vida terrena porque a morte os levou, pode ir ter com eles nos momentos de verdadeiro sono, observar o seu progresso e crescimento, ver as suas casas e arredores e certificar-se do seu bem-estar. E, não fosse o peso das velhas tradições, lendas e medos supersticiosos sobre a morte, e a incerteza quanto ao destino daqueles que partiram, que ainda se agarram de algum modo ao coração da mãe enlutada, ela traria consigo, ao

despertar, a consciência dessas visitas e uma paz que nada na Terra lhe poderia tirar.

O mesmo acontece com o companheiro amoroso, com o amigo que sofre, com todos os que perderam alguém que amaram: o sono pode abrir-lhes o portão da convivência e conduzi-los à presença real dos seus entes queridos que partiram, e chegará o tempo em que não será incomum para os mortais recordarem, ao menos em parte, algumas das belas experiências, as informações profundas, as cenas gloriosas que conheceram nos reinos espirituais; pois as forças vibratórias serão mais bem compreendidas e, à medida que o organismo nervoso se tornar mais sensível às mesmas, e que os seres humanos aprenderem a controlar melhor o corpo e a preservar a serenidade de espírito, o espiritual ganhará ascendência e conseguirá transmitir impressões psíquicas ao cérebro mortal.

Há já quem consiga fazer isso, talvez não constantemente, mas pelo menos ocasionalmente, e para essas pessoas a certeza das suas viagens e estudos noturnos é fonte de um poder e orientação maravilhosos. Alguns sensitivos precisam de muitas horas de sono; ficam muito “desfeitos” durante o dia se forem despertados; outros conseguem visitar muito e aprender muitas coisas, ou realizar muito trabalho, em três ou quatro horas de sono, e não ficam incomodados se dormirem apenas isso durante a noite.

Muitas grandes mentes, inventores, cientistas, estudantes e pensadores de várias áreas dormem pouco; não se queixam, pois têm todo o descanso de que necessitam. Mas outros, também úteis trabalhadores, precisam de mais tempo para reparar o desgaste do corpo e para se prepararem psicologicamente para os eventos que virão.

Durante o sono, a parte consciente do homem afasta-se do corpo; o espírito, o verdadeiro Eu, mantém um controlo parcial da estrutura corpórea pelo cordão magnético, mas, a menos que o indivíduo esteja profundamente ligado a tudo o que é físico, ao ponto de, mesmo durante o sono, relutar em largar o que pertence apenas ao mortal, pouco lhe importará como o corpo permanece enquanto vagueia pelo espaço, pois os interesses que o atraem e prendem ao exterior ficam, nesse momento, submersos por atrações maiores e mais grandiosas que o ligam às maravilhosas demonstrações da vida da alma e das experiências psicológicas.

Se é verdade que a humanidade, enquanto passa pelas condições iniciais de experiência neste mundo material, também tem abertos para a sua exploração e estudo outros planos ilimitados de consciência e atividade, quão bem preparados podemos ficar não só para a jornada terrena, mas

também para a marcha em frente através de outros mundos. Se já vivemos uma vida dupla, tendo a disciplina da Terra como estímulo para o crescimento superior e as experiências e vantagens dos estados espirituais, estudos e companhias acessíveis durante as horas de sono, certamente avançaremos para a perfeição com pouca preocupação pelas dificuldades do caminho neste mundo exterior.

Que importa se não conseguimos trazer para o mortal a consciência do que fazemos na “terra dos sonhos”? — se dentro da nossa natureza espiritual estão a ser incorporados registos de trabalho, estudo, convivência, amizade e experiência, que foram nossos em momentos em que se supunha que estávamos insensíveis a tudo, e se nos for mostrado, um dia, que fizemos bom uso do tempo e estivemos com os nossos entes queridos nos reinos espirituais, em planos de consciência mais elevada, avançando com eles para graus mais nobres e poderes mais grandiosos, então descobriremos que somos príncipes de uma herança real, não confinados a masmorra e barro, mas livres para percorrer o universo pelo “poder divino” interior.

Fomos informados por alguns sábios e mestres de que, enquanto frequentamos essas escolas de treino no espírito, enquanto o corpo dorme, ou entre as companhias reflexivas que aprenderam a usar a adversidade e as forças estimulantes que as qualidades de paciência, resistência, autossacrifício e coragem oferecem ao ser humano na sua busca de sucesso, qualquer de nós, que nos tornámos reflexivos e aspirantes durante o caminho terreno, pode ter o privilégio de escolher a sua própria estrada na vida, o seu caminho de experiência e disciplina; que, na luz mais clara do espírito, podemos vir a compreender que a prática da renúncia e a escolha de um caminho de dificuldade e dor pode ser a via para o mais alto desenvolvimento do poder consciente e individualizado, do tipo mais nobre, para o nosso progresso e magníficas realizações no mundo das almas.

Dizem que muitos seres humanos que, na experiência mortal, passam por duras disciplinas, privações e aparentes derrotas no confronto com as forças da materialidade, que talvez pratiquem o autossacrifício ou pareçam ser forçados pelas circunstâncias a sacrificar a paz mental e o conforto físico, não são joguetes do “Destino cego” nem de condições adversas, mas estão simplesmente a agir e a viver racionalmente sob a lei superior do espírito, vivendo na forma mortal os decretos, decisões e planos do próprio Eu, tal como foram traçados e delineados na vida interior — enquanto o corpo dormia —, sendo que as aparentes adversidades do “Destino” não passam de meios terrenos para executar esses planos e propósitos para o desenvolvimento e expansão interiores da entidade imortal.

Quão grande é a Vida, quão gloriosa e grandiosa, quando aprendemos que nada acontece por “acaso”, nem sequer as nossas dores e preocupações, mas que tudo tem uma razão e um propósito. As visões e os sonhos pertencem então à categoria das demonstrações e experiências psíquicas; são do espírito e não apenas do corpo.

É verdade que alguns sonhos são tão terrenamente sensoriais, talvez devido a condições físicas doentes, que têm muito pouco de espiritual, mas, muitas vezes, o que na memória desperta parece ser um fragmento distorcido de um sonho assustador, pode, na realidade, ser apenas a forma fantástica registada na consciência mortal, desfigurada pela mudança de vibrações quando o espírito retomou a posse plena do corpo.

Os sonhos são, por vezes, proféticos, prenunciando acontecimentos futuros; estes foram percecionados pelo espírito ausente do corpo, que registou no cérebro mortal o suficiente para deixar alguma lembrança. Outros sonhos são simbólicos, sendo assim representados pelo espírito na perceção mortal para transmitir uma lição ou apontar uma moral para serviço futuro.

Por vezes, essas visões e sonhos são-nos dados pelos nossos amigos e guias espirituais, mas, muitas vezes, são produzidos no trabalho experimental e espiritual do nosso próprio ser, durante a maior liberdade de pensamento e ação, enquanto o corpo dorme.

Numa parte anterior desta obra mencionámos uma sensitiva que viveu connosco durante sete anos antes do seu casamento — então a Srta. Agnes O. Wink, agora Sra. Fugitt. Durante o tempo em que esteve connosco, a Srta. Wink demonstrou maravilhosos poderes psíquicos; a sua clarividência foi despertada e deu-nos muitas descrições belas da presença e do trabalho dos espíritos.

A jovem desenvolveu não só a capacidade de viajar enquanto dormia, mas também de reter a lembrança das suas viagens e de as relatar minuciosamente na manhã seguinte; algumas dessas experiências foram registadas e publicadas no *Banner*, outras infelizmente não preservámos, para nosso grande pesar. Essas visitas noturnas da Srta. Wink tinham sempre uma lição e um propósito, como logo percebemos; muitas foram feitas a locais de instrução no Mundo Espiritual e eram fielmente relatadas na hora do pequeno-almoço. Como ilustrações das interessantes expedições desta modesta psíquica, relatamos o seguinte:

Na manhã de 16 de agosto, a nossa Agnes contou-nos que, durante o sono, foi levada para fora do corpo mortal e, pouco depois, eu, Sra. Longley, juntei-me a ela; que, juntas, entrámos num balão ou algum tipo de veículo aéreo; que eu estava com medo, mas ela encorajou-me a ficar, e logo

estávamos a ter experiências muito agradáveis, flutuando por longas distâncias. Finalmente, aterrámos e entrámos numa série de grutas; eram muito espaçosas e belas, adornadas com substâncias cintilantes brancas e também com cores maravilhosas. Uma gruta abria para outra, embora cada uma parecesse completa em si mesma até chegarmos à sua parede mais distante; então, o fundo recuava, revelando uma entrada para outra câmara além.

Todas as grutas eram lindamente iluminadas até chegarmos a uma passagem muito escura, que eu estava decidida a explorar. Agnes tentou dissuadir-me, pois era tão escuro que não sabíamos que perigos poderiam estar à frente, mas eu mantive-me firme e, finalmente, entrámos na passagem sombria. À medida que o fazíamos, percebemos que nós próprias carregávamos uma luz suficiente para a nossa visão. Na gruta escura e sombria, encontrámos uma criatura estranha e disforme; não parecia humana, mas mais parecida com o que imaginamos ser um gnomo; era baixa e completamente desalinhada, torcida e muito curvada.

Ao aproximarmo-nos, a coisa horrível cuspiu e rosnou para nós com ruídos assustadores, mas eu estendi-lhe a mão e fiz sinal para que colocasse uma das suas patas retorcidas na minha; a princípio recusou, mas, após algum convencimento, acedeu, e comecei a fazer passes sobre a pata. Logo começou a endireitar-se e a ganhar melhor forma. A criatura pareceu satisfeita e deu-me a outra pata para tratar, que também recuperou melhor conformação, e todo o corpo começou a assumir proporções mais harmoniosas. Assim melhorada na aparência, a criatura tentou mostrar o seu prazer e gratidão, saltitando de forma brincalhona.

Paremos aqui para dizer que os nossos guias explicaram depois que tínhamos entrado em contacto com um espírito subdesenvolvido e disforme, e que os nossos tratamentos magnéticos lhe tinham dado nova força e poder, colocando-o no caminho para condições mais elevadas; que a gruta interior de escuridão representava a sua esfera de melancolia, e as exteriores, de luz e beleza, eram as esferas de progresso pelas quais passámos para chegar até ele e nas quais ele poderia gradualmente entrar à medida que se desenvolvesse para fora do estado de ferocidade e trevas; e ainda que a luz que levámos connosco para a sua escuridão era a nossa própria luz magnética e aura.

Prosseguindo com o relato da nossa psíquica: desta gruta fomos para outra decorada com substâncias reluzentes, pedras e brilhantes; era muito bela e soubemos que era o refúgio de um mestre e sábio. Encontrava-se ali um pequeno velhinho curioso, que se curvou e nos mostrou grande cortesia e atenção, como se se sentisse honrado com a nossa visita. Este ser era o

guardião ou mestre do local e, depois de nos permitir observar as suas belas decorações e posses, manifestou a intenção de nos oferecer a cada uma algo que fosse símbolo e lembrança da visita.

A Agnes ofereceu um objeto semelhante a um ovo brilhante, que disse ser símbolo de “uma vida completa”. Era composto por secções que se separavam e que ela deveria voltar a montar; as peças eram de formas e tamanhos diferentes e apresentavam-se tão confusas para serem colocadas no devido lugar como um quebra-cabeças complicado lançado em fragmentos.

O velho explicou que as partes representavam as condições e experiências de uma vida humana e que, quando todas estivessem corretamente ajustadas, formariam a existência perfeitamente plena de uma entidade humana. A mim, ofereceu algo semelhante a uma ampulheta, exceto que tinha três compartimentos; a parte superior deixava cair lentamente os seus grãos, que pareciam partículas de ouro precioso; isto, disse, simbolizava o passado.

A porção do meio, que então recebia os grãos, simbolizava o presente, e a parte inferior, que iria conter os grãos e já tinha apanhado algumas partículas semelhantes a pedras preciosas, significava o futuro — essas pequenas gemas representavam as obras e condições do passado e presente que teriam influência direta na carreira futura.

O conjunto era curioso e belo; cada compartimento podia ser aberto com uma chave, mas esta tinha de ser desgastada pelos grãos em movimento até se ajustar à sua fechadura; o passado estava aberto, pois a sua chave já tinha o desgaste correto; o presente estaria em breve pronto, pois a chave estava quase ajustada; mas o futuro não poderia ser revelado até a chave estar reduzida a um tamanho muito pequeno, momento em que estaria pronta para uso.

Com frequência, nas suas visitas noturnas às esferas espirituais, a nossa jovem amiga encontrava alguns dos seus próprios conhecidos já falecidos, ou percebia-se na presença de alguns dos nossos guias e professores, que lhe davam ajuda especial para trazer de volta à Terra recordações das suas experiências e estudos. Muitas vezes reconhecia pessoas que já tinha visto nessas expedições e ia a lugares que se tornaram-lhe familiares nos seus “sonhos”. Nos últimos anos, podemos dizer, a senhora não tem recordação de viajar durante o sono e, desde o casamento, não apresentou sinais de transe por inteligências espirituais.

Muitas vezes, durante o sono, esta psíquica visitava belos templos de Música ou palácios de Arte, trazendo-nos pela manhã descrições radiantes

do que vira, ouvira e em que participara. Uma vez contou-nos sobre pinturas maravilhosas de mestres da arte que lhe foram mostradas e repetiu a seguinte inscrição que leu numa pintura intitulada “O Nascimento do Amor”:

Quando o Amor nasceu, uma aurora gloriosa
Encheu o mundo de luz,
E miríades de rosas ganharam vida,
Pois, eis!, o frio invernal
Do sofrimento desaparecera
E para sempre a floração
Do doce verão do Amor deveria encher
De beleza toda a escuridão;
Nenhuma dor nem sofrimento pode quebrar
O coração que bate pelo doce Amor.

Outra visita ao Templo da Arte e a outros lugares foi retirada do *Banner of Light*, e dará mais exemplos do poder que esta jovem tinha para visitar a vida espiritual durante o sono. Os nossos inspiradores espirituais pediram-nos que incorporássemos estas descrições neste livro para que o mundo saiba que o sono é uma porta de entrada para reinos espirituais de beleza e poder.

Sob o título “Sonho — ou Experiência Psíquica — Qual?”, foi publicada a seguinte experiência:

Miss Agnes é uma sensitiva de grande talento, de gosto e temperamento poético, inspiracional e literário, mas demasiado modesta para reconhecer quaisquer dons especiais. Na manhã de 27 de julho, relatou as seguintes experiências que tivera no seu “sono”, afirmando, contudo, que não conseguia recordar tudo o que vira e ouvira, e que a linguagem não poderia descrever a maravilha e a beleza do que experimentara nos seus “sonhos”.

Após alguma viagem, encontrou-se diante de um magnífico templo de arte, que já visitara antes e do qual descrevera muitas das belezas. Entrou no templo nessa ocasião e lembra-se de ter contemplado várias pinturas soberbas, três das quais recorda distintamente. Duas eram peças complementares, obras de um mestre; cada uma estava ricamente emoldurada e tinha uma placa no topo com título e inscrição em verso.

A primeira tinha por título “O Trono do Destino” e o seguinte verso:

Quando o Destino, com mão mestra,
Controla as rédeas da sorte,
Nenhum poder do ar, do mar ou da terra
Pode dois corações separar.

Esta pintura mostrava uma imponente figura masculina, vestida com manto régio e coroa real na cabeça, sentada num trono e segurando rédeas douradas nas mãos. As linhas que segurava estavam presas a figuras humanas ao longe, separadas por montanhas e mares, e, à medida que as manipulava, as rédeas pareciam aproximar as duas figuras, sugerindo que, eventualmente, ficariam lado a lado. A perspetiva e a coloração desta obra, assim como da seguinte, eram descritas como soberbas.

A segunda pintura tinha por título “A Inspiração do Amor” e o seguinte verso:

Embora a natureza, na sua ira tempestuosa,
Me castigue e puna,
Escolho o caminho áspero e difícil
E sigo-te, Amor, até ti.

Esta imagem mostrava uma enorme montanha fustigada pela tempestade, com trilhos ásperos cheios de obstáculos — rochedos, árvores caídas e destroços de tempestades. O cenário era de perigo, luta e sofrimento; mas, subindo firme e corajosamente o trilho, via-se uma figura humana, com cajado na mão e o olhar fixo na pequena forma do Amor, sob a aparência de Cupido, que flutuava à frente e o guiava até ao cimo da montanha, onde uma bela mulher — objeto da lealdade e da busca do viajante — o esperava e acenava.

Na base da montanha, de um lado, havia campos floridos e férteis, simbolizando abundância, renome e sucesso; do outro, uma floresta fresca e convidativa, com ribeiros cintilantes e clareiras sombreadas que incitavam ao descanso; mas o viajante virava-se de tudo isso, preferindo enfrentar a tempestade e o vendaval na sua subida, para assim chegar ao lado da sua amada, ao mesmo tempo sua inspiração e guia.

Uma terceira pintura prendeu a atenção da adormecida; tinha um significado mais leve que as anteriores, mas retratava, de forma bela e sugestiva, a verdadeira camaradagem. Intitulava-se “Companheirismo” e mostrava duas jovens num baloiço de rede, a conversar; os livros tinham caído no chão e estavam absorvidas no diálogo, enquanto pequenos espíritos entrelaçavam os seus corpos com guirlandas de flores encantadoras.

Neste ponto, Miss Agnes voltou ao corpo e acordou, mas, passados alguns momentos, adormeceu novamente e foi transportada para uma sala de aula, onde um instrutor erudito se preparava para iniciar uma palestra ilustrada sobre “Vibrações Humanas e o Poder do Magnetismo Pessoal”, mostrando como as pessoas são afetadas pela aura e magnetismo de outras. Fazendo uma bola semelhante a um balão de criança, mas de maiores dimensões, e

enchendo-a com o seu magnetismo, o professor explicou que a tinha tornado altamente sensível, de modo a reagir à mais leve vibração que entrasse em contacto com ela. Produziu então um grande espetro no qual lançou a bola, que flutuou nos raios vermelhos.

O professor convidou, então, um a um, os membros da turma a aproximarem-se do espetro e, à medida que o faziam, a bola subia ou descia para a cor correspondente à vibração e à aura desse indivíduo. Considerou-se que era uma experiência estritamente científica, que mostrava, sem falhas, a taxa de vibração e a aura de todos os que se aproximavam.

Para ilustrar ainda mais, o instrutor magnetizou uma jovem da audiência até esta entrar em estado hipnótico, suspendendo-a em posição reclinada no ar. Quando indivíduos se aproximavam, essa forma reagia assim que a sua aura entrava em contacto com a dela, subindo ou descendo ligeiramente, mas de forma percetível, mostrando o efeito dos magnetismos humanos sobre um sensitivo.

Avançando para um quadro, o professor começou a desenhar um diagrama e a expor sobre magnetismos humanos, forças vibratórias e a lei da atração e repulsão. Ao falar de pessoas que se repelem ou frequentemente chocam com outras, traçou linhas onduladas e angulosas que, ao aproximarem-se, pulsavam com movimento angular, chocando e quebrando-se em faíscas e fragmentos, mostrando que pessoas cujas forças se repelem tornam-se angulares quando juntas, e que as suas vibrações e linhas magnéticas colidem em vez de se fundirem.

Ao ilustrar dois indivíduos naturalmente harmoniosos, mas que parecem aproximar-se mais em certos momentos, desenhou duas linhas onduladas paralelas que oscilavam no seu curso, aproximando-se ocasionalmente e fluindo em harmonia, apenas para se afastarem novamente, seguindo cada um o seu plano e percurso. Isto exprimia o efeito de magnetismo harmonioso em cada um, de cada um, sem necessidade de unir as duas vidas num só pensamento e trabalho.

Outra ilustração mostrava duas linhas largas, onduladas e graciosas, sem ângulos, que começavam separadas, aproximando-se gradualmente até que as vibrações de cada uma, estimuladas pela aura da outra, pulsavam juntas, fundindo as duas correntes numa só, que, harmonizada, aumentava a força de atração, criando uma unidade e acordo perfeitos.

Neste caso, a perfeita unidade de vibração e completa fusão das auras produzia uma intensificação constante das forças magnéticas e, não havendo então saída separada para as atividades, estas intensificavam-se

na perfeita unificação de duas almas num mesmo plano de ação e pensamento.